Redacção, Administração Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras.—Não se devolvem os originais.—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARTA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinaturas: *Incluindo o rendimento nacional, Lisboa, mês 9$50; Província, 3 meses 28$50, Africa Portuguesa, 6 meses 70$00; Estrangeiro, 6 meses 110$00.*

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VII—N.º 2176 | DIÁRIO DA MANHÃ | PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA | QUARTA FEIRA, 6 DE JANEIRO DE 1926

DEP. LEG.

A CAVERNA DOS LADRÕES E DOS FALSIFICADORES!

Dão-se ao "Século" parabens que êle deve receber como se fôssem pézames por morte de uma pessoa de família.—O único crime dos homens que foram deportados para a Guiné, foi o de não se terem instalado na administração do Banco de Portugal.—Nêste país, já ninguém acredita na inocência dum Camacho que só por aberração é Inocêncio.--O tesoureiro do Banco de Portugal fez um desfalque de 44.000 contos. Ele deve, como os seus mestres, ser considerado uma criatura que está acima de tôda a suspeita

Alegremente, plenos de júbilo íntimo, damos ao *Século* os nossos sinceros parabens pela campanha que encetou. Lamentamos que o *Século* escute —silencioso, como é seu costume — os nossos parabens com o rôsto contristado de quem recebe expressões de pesar por lhe ter falecido qualquer pessoa de família. Mas se orgão das «fôrças-vivas» está triste, dessa tristeza não é nossa a culpa.

Os factos são os factos e não há possibilidade de ocultá-los quando eles ressaltam à evidência. Os parabens são merecidos, embora *O Século* não tenha nêste momento interêsse em recebê-los. Não tivesse ele levantado o caso do Angola e Metrópole e a opinião pública nunca chegaria a saber que no Banco de Portugal se acoitam falsários e ladrões. Seguiu-se o rasto dum criminoso—o Angola e Metrópole— e encontrou-se uma quadrilha de ladrões—o Banco de Portugal. Bem quere agora *O Século* indicar à consciência do país uma pista falsa, gritando que ladrões e falsários só os há no Angola e Metrópole. Vãos, êsses gritos desordenados, vãs, essas manobras para desviar os olhares do público da caverna, do estado-maior dos bandidos! Os olhos estão fitos no Banco de Portugal e o espectáculo que êle nos oferece é tão interessante que a atenção popular não sofre quebra de entusiasmo. Mesmo contra vontade do *Século* nós estamos vendo tudo—e connosco o público também vê.

Embora êle não os aceite: parabens ao *Século*.

O êxito do nosso suplemento --- A opinião pública está connosco

O discurso que o dr. Amâncio de Alpoim anteontem produziu no parlamento foi fulminante, esmagador. Muitos dos factos que êle apontou eram já do nosso conhecimento. Observámo-los através da papelada do Banco, nos relatórios e no *Diário do Govêrno*. A reprodução que fizemos do aludido discurso no nosso suplemento de ontem teve um êxito estrondoso. A sua procura foi grande, enorme, de nada servindo a preocupação de *alguém* que mandou gente sua comprar aos vendedores maços e maços de exemplares. A verdade, a-pesar-desta manobra tola, foi conhecida—porque a nossa máquina está habilitada a imprimir milhões de exemplares, se fôr preciso.

O discurso do aludido deputado socialista provou que os homens, senão todos, grande número dêles, que estão à frente da administração do Banco de Portugal vêm cometendo desde há muitos anos fraudes e burlas, que vão desde os lançamentos errados, isto é, desde a viciação da escrita, à falsificação das notas.

Portanto, anteriormente à existência do Banco de Angola e Metrópole já os homens do Banco de Portugal, chefiados pelo Camacho (Inocêncio) defraudavam, furtavam e falsificavam. Pão, pão, queijo, queijo. A's cousas dá-se lhes o verdadeiro nome: Existe no Banco de Portugal uma quadrilha chefiada pelo Inocêncio Camacho.

Ora se êles sempre foram burlões ¿porque não haviam de associar-se ao Angola e Metrópole para a passagem das notas falsas que êles mesmo encomendaram? Porque não?

Há burlões e o Inocêncio é o seu chefe

Sempre o dissemos: o Inocêncio Camacho, cuja assinatura vem estampada nos ofícios que escreveu à casa Waterlow, encomendando-lhe em segrêdo centenas de milhar de contos em notas, cuja assinatura se encontra ainda em contratos firmados com o Angola e Metrópole, é, neste caso, como em casos anteriores um burlão. Claro como água... E é tão grande a sua insensibilidade moral que nem sequer nos desmente por pró-forma, nem vem aqui, à redacção, quebrar-nos a cara.

O govêrno, que o encobre, é que o acha boa pessoa e acima de tôda a suspeita; a imprensa que o defende é que o cobre de elogios. Mas isso não impede que tôda a gente o aponte como burlão.

E não fazemos afirmações aéreas, nem pretendemos reduzir as responsabilidades do Banco de Angola e Metrópole. Ainda não dissemos, como há aí alguém que o murmura, que Alves dos Reis e José Bandeira são dois homens de génio. O que nós dizemos, e connosco concorda neste momento aquela parte do país honesta e sem interêsses inconfessáveis, o que dissemos e repetimos é que o Inocêncio é o maior burlão—porque abusou da confiança que o Estado nêle depositou, porque assinou as encomendas das notas, burlando a casa Waterlow; porque assinou contratos com o Angola e Metrópole para passar as notas; porque foi êle a cabeça orientadora do plano tenebroso.

Pão, pão, queijo, queijo, dissemos — e temos razão. Inocêncio Camacho é um charlatão à sôlta. Mas o govêrno que entende que êle deve continuar à frente do Banco — lá terá as suas razões...

O Inocêncio sacode a àgua do capote

O govêrno tem as suas razões, a imprensa venal também as tem, inconfessáveis, para manter no lugar de governador do Banco, onde está organizando a sua defesa, uma criatura mais do que suspeita — criminosa.

Nós, porém, temos as nossas razões, bem claras e alevantadas para apontá-la a execração do povo: Inocêncio Camacho tem burlado o país. Só estas razões, mais nenhumas possuímos. Serão escassas?

E não somos nós apenas a acusar. Estamos acompanhados. Somos poucos os acusadores, mas bastantes para fazer passar um mau bocado a essa corja de bandidos «honrados».

Leiam-se agora estas preciosas declarações que o dr. Pinto de Magalhães, o doido (são doidas neste país todas as pessoas de juizo), concedeu ao *Jornal de Notícias*, do Pôrto:

«As provas acumulam-se sôbre o sr. Inocêncio Camacho. Tantas que...

— Que ?!...

A nossa pregunta não oculta uma opressa ansiedade.

—... que a prisão do dr. Joaquim Silveira, director da filial do Banco nesta cidade, é um resultado das inconfidências do sr. Camacho. O governador, apertado com preguntas, sentiu a necessidade de sacudir a água do seu capote...

E o dr. Pinto de Magalhães conta-nos que a Casa Waterlow, fabricante das notas de 500$00, recebera do governador do Banco de Portugal a recomendação expressa de tratar da encomenda das notas com Marang, *indirectamente*. A recomendação, a princípio, surpreendeu a Casa Waterlow. Mas, ignorando as razões do segrêdo pedido, acederam, mandando a própria correspondência oficial em «envelopes» sem timbre—«envelopes» vulgares, que destruiam tôdas as suspeitas. Esses «envelopes», no trajecto do correio ao gabinete do governador, passavam pelas mãos do contínuo e do chefe do pessoal menor do Banco. Não era crivel que estas pessoas, de rudimentar cultura, abrissem e falsificassem uma carta de que ignoravam o conteúdo. Mas uma dessas cartas apareceu falsificada. Quem a falsificou?

«O governador Inocêncio Camacho, a única pessoa que abria as cartas, interrogado sôbre êste ponto, teria respondido:

—«Eu não sei. Lembro-me apenas que o meu colega dr. Silveira, que do Pôrto vinha a Lisboa amiudadas vezes, passava parte do tempo no meu gabinete...»

Fulminante, mas as pessoas que entendem que o Inocêncio «está acima de tôda a suspeita» ainda acham pouco.

Fogo com pólvora alheia

Continuemos a fazer fôgo com pólvora alheia e guardemos a nossa por enquanto. Para escalpelizar o maior escândalo dêstes últimos tempos, que já assume proporções internacionais e vem sendo comentado acremente no *Daily Mail*, um dos maiores jornais inglêses, todos os argumentos são poucos. Em nome da moralidade, em nome dum povo inteiro roubado e ludibriado, havemos de levar a nossa campanha até ao triunfo da Justiça. Continuemos, pois, o fogo com a pólvora alheia que também é boa.

Diz ainda o dr. Pinto de Magalhães ao mesmo jornal do Pôrto:

«Fez-se uma campanha intensa contra mim porque, em pleno tribunal, mandei sentar ao lado de Alves dos Reis os governadores do Banco de Portugal! Vejam o grande disparate! Em nenhum país do mundo o facto provocaria reparos. Provocou-os nesta pseudo-democracia—nesta democracia de opereta, onde as sanções da lei são repelidas sempre que recaem em pessoas de categoria! E no entanto, sôbre alguma gente do Banco pesavam gravíssimas suspeitas! Eu recebia diàriamente dezenas de cartas de pessoas que não apareciam a depor com receio de represálias. Lembrei ao govêrno do sr. dr. Domingos Pereira a necessidade de suspender temporàriamente do exercício das suas funções o governador e vice-governador do Banco de Portugal. Este alvitre suscitou reparos—aumentando de violência a campanha de certos jornais. No entanto, a suspensão, permitindo a livre investigação dentro dos autos, só beneficiaria o sr. Inocêncio Camacho—e êle mesmo, se fosse um homem de critério, deveria ter-se-me antecipado, pedindo essa suspensão. Não o fez. O exercício do ulgar era-lhe necessário.»

Vêm? Vêm os leitores a protecção escandalosa que os governos dispensam a êsses canalhas encasacados? Vêem como os políticos encobrem o crime e cumulam os criminosos de honrarias? Venham condecorações, muitas condecorações para pendurar ao peito desta malandragem!

E morrem na Guiné e em Cabo Verde dezenas de deportados, famintos, humildes, que cometeram o grande crime de não se terem instalado na administração do Banco de Portugal!

Uma «pequena» notícia sensacional

Estamos com a mão na massa, não na *massa* falsa encomendada pelo Inocêncio, na massa do escândalo que estende até ao infinito. Estamos com a mão na massa—as declarações desassombradas do dr. Pinto de Magalhães. As suas afirmações sôbre a origem da campanha de *O Século* condizem absolutamente com as nossas. Transcrevemo-las do *Primeiro de Janeiro:*

«Eu tenho sido atacado, na seqüência de uma campanha jornalística, cujos intuitos conheço. O Banco Nacional Ultramarino tinha interêsse em aniquilar o Banco de Angola e Metrópole, que era um perigoso concorrente. Desencadeou-se contra êle a mais violenta campanha, que se tem feito e que daí a pouco atingia também em enérgicos ataques o Banco de Portugal. Mas, um dia, o Ultramarino reparou em que podia, dum momento para o outro, precisar da solidariedade ou mesmo do auxílio do Banco de Portugal. E a gazeta em que a campanha atingira uma violência sem igual, faz bruscamente «volte-face» e passa com o pretexto duma assemblea geral, a defender o Banco de Portugal e a exalçal os seus directores. E entretanto, vai-me atacando, sem se lembrar de que eu sei e posso defender-me.

O caso da burla das notas é secundário, em face da questão do financiamento de Angola e das razões que levaram dois Bancos a uma luta em que um deles devia desaparecer.

O plano do Banco Angola e Metrópole era eliminar os outros Bancos que fôssem concorrentes ou que não tivessem elementos de vida, ao mesmo tempo que procuraria, pela compra de grandes lotes de acções, colocar representantes seus na Direcção do Banco de Portugal. E assim ficaria senhor da finença nacional. E' isto que não convém esclarecer e por isso me chamam doido.

O rosário é grande e não termina nunca. Como nos folhetins, sômos forçados, devido à imperiosa falta de espaço, a dizer ao leitor: Continua no próximo número. Mas antes de fecharmos, queremos dar ainda àcêrca do Banco de Portugal—baluarte do crédito do país—uma notícia lacónica. Ei-la:

No aludido Banco existe um desfalque de 44.000 contos, cometido pelo tesoureiro em benefício de diversas casas bancárias que sacavam a descoberto sôbre o Banco. O referido tesoureiro —excelente criatura!—recebia das casas bancárias Piano, José Augusto Dias, Augustine e outras, comissões e prendas de valor consideravel, Pudera!... O desfalque foi constatado há pouco mais de quinze dias e resolveram guardar o maior sigilo—que nós estamos guardando religiosamente—devido à situação moral precária produzida pela questão das notas falsas.

Se as autoridades duvidam da notícia, que averiguem para chegar à conclusão lógica de que o tesoureiro é, como os seus mestres, «uma pessoa que está acima de toda a suspeita.»

O POVO PAGA E A G. N. R. FUSILA-O

Vai uma pessoa aí pela provincia e não ouve senão protestos constantes contra as arbitrariedades, os crimes cometidos pela guarda republicana. Esta é fora da capital o que a polícia é em Lisboa: — uma corporação terrorista. Ela prende, julga sumàriamente e condena os desgraçados que lhe caem nas mãos às penas mais bárbaras, que ela própria executa.

Não pedimos, é claro, ao govêrno providências que ponham côbro a estas infâmias. O nosso pedido equivaleria a uma ordem simples e sintética: «deem para baixo». Apontamos o crime ao povo, ao país, certos de que êste um dia saberá, pelas suas próprias mãos, pôr ordem no que os governos desleixados e criminosos trazem tão desordenado.

De resto, de que nos serviria pedir, ou melhor, exigir medidas eficazes que tais abusos evitassem a um governo empenhado em salvaguardar os interesses de criminosos como os que no Banco de Portugal, sob a capa de «pessoas insuspeitas» veem defraudando o país e falsificando notas? Sim ¿para que nos serviria reclamar atitudes rectas, honestas, a governos que andam de braço dado com bandoleiros e os cumulam de elogios? Seria o mesmo que dizer ao impudor que se tornasse púdico, ao crime que fosse imaculado, à desvergonha que se envergonhasse.

A guarda republicana, constituida por gente boçal, que imagina — e tem razão — que a farda lhe dá o direito ao crime impune, abusa, espanca, abate a tiro quem lhe apetece — e dorme descansada o sono das boas digestões que o orçamento pródigo lhe proporciona. E ninguem a incomoda. O povo vive para a alimentar, trabalha para lhe dar de comer, de vestir e de calçar. Ela vive para pagar ao povo na dura moeda da agressão brutal, do assassinato infame.

E' esta a condição do povo trabalhador: alimentar criminosos—que o roubam na administração do Estado e o assassinam no exercício da autoridade que o espirito libertário justamente condena.

A época, ou melhor, a sociedade capitalista, defeituosa de nascença, só pode produzir destas imoralidades flagrantes que terminarão no dia em que o povo esclarecido tome afoitamente o caminho da revolta.

Lêde o Suplemento de "A Batalha"

Não devemos depor as armas, deixando-nos vencer pelo desalento. Devemos reagir e lutar

Para uns, o ano de 1926 será cerzido, como o anterior, duma nova série de escândalos.

Não trará, para as esperanças duma vida melhor cimentada num salutar humanismo e numa tranqüilizadora seriedade dos indivíduos, a menor alteração no *écran* horrendo das temíveis poucas vergonhas político-económico-sociais.

Para outros, o novo ano, tão vergado ao pêso duma trágica herança de crimes e pesadelos, êle iluminar-nos-há, em sucessivas madrugadas de arrebóis, com explêndidas auréolas de renascimentos puros duma raça rejuvenescida pelos influxos das revoluções vingadoras dos males que nos tem feito a democracia da presente sociedade, nas mãos dos «demagogos»...

Estes, os que creem na renascença... à antiga portuguesa, são os que vivem no mistério do passado, são os que confiam «fervorosamente no caminho de rol que se oferece à reacção fecunda da grei»—à reacção fulminante que a «onda milagrosa que se levanta no marulhar das pretensões fascistas, surdamente nos vai envolvendo no círculo da emboscada...

Eu, caminhando errante pela estrada enlameada que dá acesso, na margem esquerda, à ponte Luís I, ia a pensar qual seria a opinião do proletariado organizado àcêrca do ano que acaba de chegar nos transportes dos júbilos de uns falcatrueiros angola-metropolitanos, vogando nas lacrimosas maresias de milhares de infortunados — quando se abeirou um grupo de operários estendendo-me a mão numa lamúria incómoda...

Estes foram os primeiros «bons dias» esperançosos que em 1926 me deu como lenitivo pacificador à minha indignação contra as injustiças sociais. Esta foi a primeira decepção que recebi nos meus pensamentos sôbre a galvanização necessária da índole apática que deve transmutar-se em esforços de resistência revolta...

Eu desejaria que essa imensa legião de *chômeurs* estiraçados no pântano da humilhação, no paúl da pedincha, tivesse pelo menos a irreverência dos miseráveis de 1388 o descontentamento tumultuário dos vagabundos de 1659, os motins contínuos dos esfomeados de 1725, 1740, etc., etc.

E' preferivel que o pululamento dos miseráveis desobedientes provoquem os «banhos de sangue de Luís XV»—do que, rastejantes, se sujeitem a tôda a sorte de vexações...

Quanto não é mais belo o «vagabundo válido», porque não lhe dão trabalho, espalhar-se pelas estradas em atitude sediciosa, resistindo às bastonadas, às chicotadas e aos cortes de orelha feitos pelos Ricardo II e Henriques VII e VIII, da moderna política, da moderna indústria, da moderna finança e do moderno comércio...

Quanto não é mais sedutor, para aqueles que têm uns pruridos de dignidade humana, ver os famintos, qual gente gente de Bicêtre revoltada e espalhada por Paris, dar batalha à polícia, à cavalaria e à infantaria em defesa do seu pão do alimento reduzido...

Quanto não é mais nobre assistir ao facto das mulheres do povo expoliado, em em vez de se prostituirem, gritarem coléricamente aos «delfins» e «delfinas» do capitalismo que se dirigem para a Nossa Senhora... das beatíficas novenas ou das sensualíssimas provocações dos *réveillons* aristocráticos e falsamente caritativos: «trabalho, pão para os nossos lares, ou revolução»—enquanto os indigentes se agrupam e fazem verdadeiras sublevações contra os hodiernos archeiros e bailios dos «hospitais» físicos, morais e sociológicos, que não curam as suas enfermidades, os seus padecimentos, porque êles são pertença da casta parasitária dos comendadores plutocráticos...

Infelizmente nada disso observamos...

E ao passo que a cobardia do scepticismo vai mantendo a sua opinião de que êste ano, se não fôr pior, pelo menos será idêntico ao pretérito; e o optimismo confiante dos mussolinicos pigmeus do nosso país vão alimentando a sua crença de que a «reacção fecunda da grei» nos há-de imperializar no trôno do *fascio*—os trabalhadores desocupados continuam, lamentavelmente e numa regular percentagem, a esmolar a sua própria indolência que lhes dá uma pungente caricatura de baixeza... risível para os que os colocaram em tal situação...

¿Devemos, porém, nós, os idealistas, depôr as armas do combate, deixando-nos amortalhar no desalento?

- E' precisamente pelo exposto que mais se deve intensificar a nossa acção—mostrando a grandeza do êrro e a enormidade das conseqüências que a funda negligência do operariado traduz...

E' o que urge, sem cessar, fazer—não de um modo perfunctorio, mas conseqüente, tenaz e inteligentemente convictos da nossa tarefa renovadora...

C. V. S.

CRISE DE TRABALHO

Sindicato da Construção Civil de Lisboa

Para tratar de assuntos referentes à crise de trabalho reúnem hoje, pelas 20 horas, em conjunto com o conselho administrativo do Sindicato, as comissões administrativas das Secções Sindicais e Profissionais, delegados do Conselho de Secções e Técnico.

Notas & Comentários

Prelúdio

Os bas-fonds *da finança, da alta finança estão pejados de factos tão curiosos e tão repugnantes que não há mãos a medir na sua análise e revelação. Há dias, diziamos nós nêste mesmo lugar que enquanto o Angola e Metrópole ia sendo discutido ruidosamente, o Ultramarino fazia em silêncio o seu negócio. Faz o seu negócio e vai digerindo os seus escândalos, que em breve analisaremos detidamente. Entretanto, já hoje descobrimos uma pontinha do veu. Isto aqui para nós, leitor, não há muito na filial do Banco Ultramarino no Cais do Sodré, houve um desfalque importante. O empregado tentou suicidar-se, embora nenhuma informação a tal respeito tivesse sido fornecida à imprensa. Não acrescentamos mais. O silêncio é de ouro mais valioso do que as escassas reservas metálicas que aquele Banco emissor possui para garantir a circulação das suas notas falsas...*

Ora, o estupor...

O sr. Alberto Xavier que, além de ser um péssimo director geral da Fazenda Pública, é ainda pior jornalista, zangou-se connosco porque publicámos ontem um artigo àcêrca dos Bilhetes do Tesouro. Numa ignorância adorável que vai muito bem a um advogado que tem a mania de saber de tudo, chama-nos «um jornal comunista». E diz aquilo num tom de desprêso encantador... Nós ainda não dispuzemos, nem tivemos tempo de nos ocupar a sério do sr. Xavier, talvez porque respeitamos muito a situação periclitante da casa bancária Fonseca, Santos & Viana... Não, por enquanto isto vai a rir. Não se dê pressa, pois, o sr. Alberto Xavier de fazer desde já queixa de nós à polícia. Descance, que tem tempo. Não nos faça chegar a mostarda ao nariz. Ouviu? Ouviu bem? Esteja quietinho que por enquanto ainda não lhe quisemos mal. A meter-se em brios, o homenzinho, não querem lá vêr?! Ora, o estupor...

Fogo de vistas

O Diário da Tarde *publicava ontem na sua última coluna a seguinte informação:*

«Segundo nos consta a opinião do govêrno relativamente à questão do Banco de Portugal resume-se no seguinte: não é possivel desligar o caso do Banco de Portugal do caso do Banco Angola e Metrópole, devendo as investigações do sr. dr. Alves Ferreira ir até onde fôr necessário, quer num quer noutro banco».

Não é desinteressado êste fogo de vistas...

A lei do inquilinato

O ministério da Justiça mandou para o *Diário do Govêrno* o diploma dando fôrça de lei ao decreto que prorrogou até 31 de Dezembro do corrente ano, a lei n.º 1662, relativa ao inquilinato.

Famílias dos deportados

Convidam-se a comparecer hoje, pelas 20 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.º as famílias dos deportados, para assunto importante e inadiável.

Na reünião magna do Professorado Primário foram censurados os actos da D. Executiva

Na reünião magna da União do Professorado Primário, que se sucede ao Congresso Pedagógico, só podem tomar parte nas suas discussões os delegados dos Núcleos Escolares, porque os assuntos a versar são de carácter associativo. Por essa razão, é que a imprensa não pode assistir à primeira sessão, conforme ontem dissemos. No entanto, aproveitando-nos de elementos de mão amiga podemos dar hoje aos leitores uma idea sucinta do que foi essa sessão que, como as seguintes, se efectuou no *gimnásio* do Liceu Camões.

Os trabalhos foram iniciados às 10, 15 horas.

O sr. Manuel Barroso antes de abrir a sessão propõe uma saüdação ao consultor jurídico da União, dr. Jaime Gouveia, prestando-se-lhe devida homenagem e convidando-o a presidir a esta sessão secretariado pelos professores D. Delfina Serrão e Cipriano Baptista.

O professor Alves de Oliveira, membro da comissão de verificação de poderes, apresenta algumas considerações e lê a relação dos delegados do Núcleo no pleno uso dos seus direitos associativos. Vários congressistas, terminada a leitura, pedem informações sôbre a situação dos seus núcleos, protestando alguns contra o facto de não terem sido inscritos.

São 11,35 e ainda se não entrou na ordem do dia, continuando a comissão de verificação de poderes a prestar esclarecimentos, e prossegue a discussão do parecer da comissão.

O sr. Almeida Costa protesta contra o desleixo e desconsideração prestada pela comissão ao professorado, pois o seu trabalho vem tão incompleto que é quási meio dia e não se entrou ainda na ordem do dia. Acentua a parcialidade manifestada pela comissão, recusando a representação do Núcleo de Gouveia ao professor António Augusto Martins, quando foram aceites representações nas mesmas condições.

O sr. Marques Serrão apoia a proposta de Almeida Costa entendendo que devem ser admitidos a votar os delegados indirectos mesmo dos núcleos que estiverem no uso dos seus direitos associativos. Aprovado faz-se a chamada de todos os delegados contra algumas irregularidades e contra o facto do presidente lhe não conceder a palavra alegando estar encerrada a discussão do assunto.

Neste momento levanta-se grande celeuma, ameaçando o presidente abandonar a assemblea. Serenados os ânimos entra-se na meia hora de antes da ordem do dia.

Saturnino Neves, tesoureiro da União, lê um requerimento que lhe foi dirigido por Marques Gonçalves em que requer lhe seja dito a relação dos professores que contribuiram para a «Casa do Professor», a quanto monta o capital, onde se encontra e quais os juros capitalisados.

Lê uma local publicada num dos últimos números de «O Professor Primário», onde vem explicado o assunto. O orador antes de terminar propõe que seja aprovado o regime das folhas provisórias para os professores das ilhas.

O sr. Jaime Valente presta homenagem ao presidente pelos seus serviços dispensados à classe do professorado, e propõe um voto de louvor aos cidadãos Alexandre Ferreira e Ricardo Covões pelos seus serviços prestados à infância.

Foi seguidamente interrompida a sessão para recomeçar às 13,30, tendo o dr. sr. Jaime Gouveia agradecido a deferência que para êle houveram, terminando com vivas ao professorado, à República, etc.

Na 2.ª sessão são vivamente combatidos alguns actos da Delegação Executiva

A 2.ª sessão da reünião magna iniciou os seus trabalhos às 14,30 horas. Presidiu o professor José de Carvalho, do Núcleo do Porto, e secretariaram os professores Caetano de Oliveira, do Núcleo de Braga, e D. Maria Rosa de Assunção, do Núcleo de Aljustrel.

O sr. Acácio Gouveia comunica à assemblea que o desejo expresso numa das sessões do Congresso, no que concerne ao desconto aos congressistas ainda não beneficiados nas passagens de caminho de ferro, foi atendido por parte das companhias respectivas.

Em nome dum grupo de professores, o sr. Ferreira Afonso propõe algumas modificações ao estatuto da União do Professorado Primário.

As 15 horas chegou ao Liceu Camões o dr. sr. Santos Silva, ministro da Instrução, que era aguardado à entrada do edifício por bastantes congressistas. Reboou uma estrondosa salva de palmas e o dr. Santos Silva ocupa a presidência da sessão. Mais palmas e alguns vivas e o ministro da instrução iniciou do seguinte modo o seu discurso:

—Afazeres vários não lhe permitiam vir mais cêdo ao Congresso. Hoje, porém, deparou-se-lhe nos jornais as resoluções tomadas no Congresso e é sôbre elas que é obrigado a proferir algumas palavras, fazendo dêsde já a declaração de que tudo quanto fôr exequivel será pelo orador levado a conselho de ministros.

Passando a examinar uma por uma as resoluções referidas, o dr. Santos Silva disse em sintese o seguinte:

Quanto aos professor sem colocação, é uma aspiração velha, que faz parte do programa de todos os governos. Porém as receitas não permitem a abertura de mais escolas a-fim-de poder-se realizar essa obra Para o conseguir vai apresentar ao Parlamento uma proposta, criando um fundo de instrução.

Sôbre as rendas de casas, etc., o dr. Santos Silva disse ser completamente impossível actualizá-las, por enquanto.

Referindo-se ao decreto 10.776 o ministro da Instrução lembra o parecer que emitiu no Senado quando da discussão daquele diploma, e assegurou que em bom critério descentralizador as funções que o Congresso reclamou para as Juntas Escolares devem ser cometidas às Câmaras Municipais.

Passando em revista a Caixa de Previ-

dência criada pelo decreto 11.220, o orador manifesta a sua discordância, traçando o elogio da *Lutuosa*, instituïção de previdência do professorado.

Termina pedindo a colaboração de todos para a grande obra que tem a realizar, em favor da instrução e da situação do professorado.

Uma nova salva de palmas esturgiu no vasto *gimnasio* do Liceu Camões.

Restabelecido o sossêgo o professor Augusto Martins pede ao ministro para que proponha ao Parlamento que os municipios sejam autorizados a aumentar os subsídios pedidos, solicitando ainda que passe para as Juntas Escolares o serviço actualmente entregue às Juntas Distritais. Termina confiando no critério do ministro na resolução de tôdas as demais questões.

O ministro da Instrução prometeu atender êste e todos os outros assuntos. Nova salva de palmas e alguns congressistas acompanham até à porta do edifício o dr. Santos Silva, que retirou.

Assumida de novo a presidência pelo sr. José de Carvalho, usa imediatamente da palavra o secretário geral da União do Professorado Primário, sr. Manuel Barroso que disse à assemblea que não elaborou o relatório do Conselho Federal, dispondo-se, no entanto, a prestar todos os esclarecimentos exigidos e a sujeitar-se à livre crítica dos delegados.

Com esta declaração, entrou-se finalmente na ordem de trabalhos. Os actos sociais e associativos da União do Professorado Primário, representada pela Delegação Executiva e Conselho Federal, iam passar pela fieira da reünião magna. A discussão foi um pouco tumultuária e bastante agitada por vezes. Nela tomaram parte grande número de delegados, criticando-se em termos enérgicos alguns actos da Delegação Executiva.

O mais vivamente combatido foi o adiamento do Congresso. Segundo o resolvido no último Congresso o que agora se realizou devia ter logar em Agosto e na cidade de Evora. A Delegação Executiva por razões que se encontrarão adiante veio a realizá-lo agora e em Lisboa.

Combateram esta resolução os seguintes delegados:

Carlos Alberto, de Coimbra, que considerou ditatorial o acto da Delegação Executiva; Gomes Belo, de Marinha Grande, que aduziu várias razões demonstrativas da irregularidade do adiamento; Acácio Gouveia que afirmou ter protestado na devida altura contra o adiamento.

O professor Marques Gonçalves protesta contra o facto dos fundos destinados à *Casa do Professor* terem sido desviados para outros fins.

O sr. António Augusto Martins pediu ao secretário geral que o informasse da acção da União no caso da agressão de que foi vítima um professor em Vila Marim. Termina protestando contra o facto de alguns núcleos não terem sido convocados para reünirem nêste Congresso.

Como a sessão decorre bastante agitada, o delegado José Marques Gonçalves conseguiu intercalar no discurso do sr. Martins um requerimento em que se dá por discutida a matéria *adiamento*, com prejuizo dos oradores inscritos. A-pesar do barulho o requerimento foi aprovado.

Prosseguindo, o sr. Martins, depois de algumas considerações, apresentou a seguinte moção, que foi admitida:

«O Congresso, não desejando sancionar o acto do adiamento do congresso de Evora e não querendo recriminar todos os que para êle concorreram, passa à ordem do dia».

Há telegramas de saüdação sôbre a mesa que o secretário lê e que foram enviados pelo Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército e pelo presidente do Núcleo Escolar de São Pedro do Sul.

Falou em seguida o professor Almeida Costa que combateu a acção da Delegação Executiva nos casos de agressão aos professores de Vila Marim, Estarreja e Mealhada.

O orador passou em revista vários actos da referida Delegação fazendo-lhe uma crítica mordaz que causou sensação pelo desassombro e pela elevação. Termina afirmando que, no que concerne a administração, ela embora não fôsse desonesta foi, tod avia, perdulária.

Por requerimento do sr. José João da Fonseca, entre protestos, foi resolvido que fizesse em seguida uso da palavra o secretário geral da União, sr. Manuel Barroso, que disse à assemblea ser esta a última vez que como professor trata de assuntos associativos. Porém, fá-lo na certeza de que sempre cumpriu o seu dever, assim como os elementos dos restantes corpos gerentes.

Respondendo aos oradores que atacaram o adiamento do Congresso, afirma que êsse adiamento se fez por decisão da maioria dos Núcleos Escolares do país.

Quanto aos casos de agressão aos professores entende que a União não deve intervir em casos particulares, como eram êsses apontados pelos oradores.

Borda outras considerações, terminando por agradecer a todos a estima que lhe dispensaram.

O delegado Carlos Alberto:

—O sr. Barroso foi muito claro, mas não provou que o estatuto não foi ofendido!

O sr. Alves de Oliveira, com veemencia:

—Quem ofendeu o estatuto fôram os Núcleos!

O tesoureiro da União, sr. Saturnino Neves explica como foram destinadas algumas importâncias da União. Depois passou à leitura do relatório financeiro, que acusa a existência dum saldo de 66 contos, 56 no Montepio Geral e 10 na tesouraria da União.

Passou-se em seguida à votação da proposta do sr. António Augusto Martins, que acima inserimos, sendo aprovada por unanimidade.

O sr. Carlos Martins, em negócio urgente, informa a assemblea de que a professora sr.ª D. Amália Luaze do Instituto Femenino do Professorado Primário, está educando crianças que não são filhas de professores. Por essa atitude infringir as disposição que regulam a missão dessa professora, o orador entende que ela deve ser demitida do seu cargo.

Como o relatório da *Lutuosa* não foi ainda discutido resolveu-se realizar uma sessão que terá início às 21,30 horas, para apreciar aquêle documento e eleger os corpos gerentes.

Os congressistas visitaram a sociedade «A Voz do Operário»

Pouco depois de encerrada a 2.ª sessão da reünião magna da União do Professorado Primário, os delegados que foram ao Congresso Pedagógico visitaram o novo edifício da Sociedade *A Voz do Operário*, instalado na rua do mesmo nome. Os congressistas foram recebidos pelos corpos gerentes e professorado daquela agremiação, sendo trocados os mais afectuosos cumprimentos.

Depois realizou-se uma pequena sessão solene que foi presidida pelo sr. António Pereira Coelho, secretariado por Diamantino do Nascimento e Jaime de Mendonça.

O sr. Elmino Moreira descreve a acção da *Voz do Operário*, a sua utilidade como estabelecimento de ensino e a sua finalidade sob o ponto de vista mutualista. Apela para o professorado salientando o facto deveras digno de nota desta instituïção ser feita por operários.

O sr. Diamantino do Nascimento saúda o professorado e faz votos para que todos os trabalhos do Congresso resultem proficuos por forma a transformar em realidade os seus sonhos. Historia a acção da instituïção *Voz do Operário*. Apela por último para a união dos trabalhadores do braço e do cérebro.

O sr. Pedro de Almeida, em nome do professorado, agradece à direcção da «Voz do Operário» a gentilesa havida, saüda-a por ver nela uma obra útil à qual se associa desde já, inscrevendo-se seu sócio e termina por saüdar todo o operariado ao qual dedica todo o carinho e estima.

Os congressistas em seguida visitaram tôdas as dependências do edifício, saíndo deveras encantados com as suas magníficas instalações.

Durante a visita, o «Orfeon Infantil da Sociedade A Voz do Operário» fez-se ouvir em alguns dos melhores números do seu selecto reportório

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

São Carlos

«Les nouveaux messieurs» de Robert de Flers e Croiset—traduzido com o título «Os homens de hoje»

Embora muita gente pense o contrário, confesso que nunca estive tanto à vontade a fazer a crítica duma peça como neste momento em que o palco de São Carlos de gloriosas tradições estreia, em Portugal, a comédia de Robert de Flers e Croiset «Les nouveaux messieurs» que, segundo entrevista dada a um jornal de Lisboa, pela distinta actriz Lucília Simões, foi traduzida pelo dr. António da Fonseca, ministro de Portugal em Paris, antigo titular da pasta das Finanças, membro do parlamento português e ex-vogal da Junta do Crédito Público. A-pesar-da modéstia do tradutor ela não pôde ser tão fechada que a natural indiscrição feminina nos não dissesse, já há tempo, ser êle de facto o autor da tradução. Folgamos em que os afazeres da vida diplomática do graduado homem político de Portugal lhe dêm margem a entregar-se a trabalhos literários, o que, seria para desejar, sucedesse a outros seus colegas, pois não teriamos que anotar a tôda a hora as silabadas que no hemiciclo de São Bento são ditas por muito *boa gente*.

Apresentemos os autores da «Les nouveax messieurs». São os dramaturgos franceses Robert de Flers e Croiset, parceria bem humorada a que a literatura teatral contemporânea, de França deve já alguma obra de espírito e observação. Robert de Flers foi no entanto bem mais feliz quando da peça que escreveu em sociedade com Caillavet e Aréne. E' dêsse grupo, «Le roi» e «L'éventail» do antigo reportório do D. Amélia e traduzidos por «O rei da Gafanha» o «O leque».

Como na primeira destas peças a crítica incide particularmente sob dois personagens primaciais, o aristocrata e o socialista, porém, com a diferença que em «Le roi», a impiedade da ironia dá para os dois lados e em «Les nouveaux messieurs» o alvo quási exclusivo é o operário arrastado por motivos amorosos a culminâncias de poder de que a burguesia, com razão, se julga *senhora única*. Comparando, pois, esta peça com «Le roi» vê-se claramente a intenção de Croiset, menos subtíl e mais burguês no ódio aos que fazem sombra à sua seita democrata, porque não nos esqueçamos que Robert de Flers é marquês e por isso pouco simpatisante tanto com socialismos como com democracias. O predomínio sectarista de Croiset sôbre Flers é patente e isso leva a obscurecer a ironia de certos ditos de Flers, bastante semelhantes a outros que salpicam «Le roi».

O operário guindado à situação de ministro do trabalho é um elemento de preponderância na C. G. T. francesa, a que houve a prudência de chamar Confederação Nacional do Trabalho, prudência aliás escusada porque actualmente esta designação de C. G. T. tem tal latitude que tanto se pode aplicar à C. G. T. U. (unitária), como à outra pura e simples C. G. T. Não é indiferente a observação.

Quem assiste à representação e que naturalmente sabe tanto de doutrinas sociais, como os políticos republicanos que fazem conferências sôbre êste assunto, não destrinça e só vê o operário que do gabinete confederal ascende às cadeiras ministeriais e partilha de lucros de empresas capitalistas. No campo doutrinário as ideas nem sequer são beliscadas e principalmente o sindicalismo revolucionário fica alheio a êste e a outros casos isolados, tanto mais que no final da peça o operário fica justificado quando deixa depreender a sua filiação no partido socialista que é intervencionista parlamentar e até ministerial como o provou há pouco o govêrno Herriot.

Os autores da peça erraram, quando *secamente*, fizeram passar o 2.º acto na Confederação. Deviam tê-lo feito na sede do partido socialista francês onde se forjam deputados e ministros. E' afinal um partido político como o é o partido democrático a que pertence o dr. António da Fonseca, tradutor da peça. E neste ponto este senhor, assim como arranjou vinho do Pôrto, no meio operário francês, também podia fazer a localização da *charge* política a qualquer partido burguês e cremos que, para isso, poucas pessoas, como êle, terão tão preciosos elementos. A *democracia* portuguesa não difere da francesa nesta facilidade com que se elevam a muito alto, os que ainda ontem estavam muito *por baixo*. Não temos assistido a outra coisa de 5 de Outubro de 1910 para cá. E, da França só se distinguem os portugueses, na política, pela falta de competência que incontestàvelmente têm os Herriots, os Clemenceaus e os Briands. Na platea e camarotes de São Carlos nesta «première» de «Les nouveaux messieurs» vimos muitos dêsses felizes que riam a bom rir, ou porque ninguem vê o argueiro no seu olho, ou porque se sentiam bem dizendo para si: *pois sim, mas anda lá...*

Não conhecemos a peça senão através da crítica dos jornais de Paris, não podemos por isso marcar onde está a chancela dos autores e a do tradutor, daí não podermos afrontar com justiça a quem cabe o exagero da linguagem despejada só digna do *Mundo* no tempo da propaganda republicana e cuja falta de gramática melhor se poderia atribuir a parlamentares portugueses que dizem *sinécuras*, do que a militantes operários franceses que são jornalistas de pulso, e escritores sociais com quem não desdenhavam de acamaradar homens como Jaurés, Anatole France, Romain Rolland e Barbusse e noutros tempos o Briand que a burguesia francesa cerca de carinhos.

Os próprios autores reconhecem no protagonista da sua peça ilustração e inteligência, é um homem que lê Balzac e conhece o teatro de Moliére não superficialmente. E, confessemos, o operário *socialista* poderia corromper-se proletàriamente, do que ninguem se convence é que êle pudesse ser ministro do Trabalho sem que tivesse certa envergadura, porque não pertence a um país como o nosso em que para ir ao poder basta que afirme que esteve na Rotunda e que pertence a qualquer céntro político.

A peça gira em volta de comentários infantis, como o do reparo à existência dum cofre na C. G. T., ao facto do operário beber vinho fino, como se alguém pretendesse com a instauração dum regime socialista abolir regalias de que disfrutam exclusivamente os bons *estômagos capitalistas*. O que não está certo é que os usufruam os que não trabalham e desses tantos estavam ontem em São Carlos a rir! Alguns antes da guerra europeia ou antes do advento da república andavam por essas ruas a comer fiado e hoje, sem ser por competência nem trabalho, atropelam com os seus *Fiats* os pais que fingem não conhecer. E, lembrar-nos nós que Kropotkine foi príncipe e que muitos dos espectadores de São Carlos transitaram da vida da obscuridade para as vivendas de luxo dos bairros novos e que quando muito poderiam ostentar nos seus brazões uma ferramenta de trabalho, de que deveriam orgulhar-se, mas de que propositadamente se esquecem quando apertam a mão dos sócios dos Angolas e Metrópoles, e de muitos políticos patriotas que dizem *lácuna* e estão muito ao abrigo da lei que pune as obscenidades, porque outra linguagem não sabem falar...

O desempenho estava confiado a Lucília Simões, Erico Braga e Samuel Dinís nos papéis principais.

Lucília muito bem vestida detalhou com a arte costumada, o seu papel, dando-lhe a mocidade de que inteligentemente pôde dispor. Erico Braga, a quem tantas vezes nos temos referido, com justos encómios, carregou de mais o personagem, sem necessidade, e nisso falseou o tipo que incarnava, esquecendo-se que o operário não deixava de ser francês, por muito alheado que andasse de etiquetas e galantarias. O *calão* exagerado pelos autores ou pelo tradutor, obrigaram-no talvez um tanto a isso, mas assim mesmo melhor andaria se não substituísse o operário pelo *gingão* do velho Bairro Alto, com uma entonação de voz de habitante de Pero Pinheiro ou Cacilhas. Erico é um actor consciencioso e não necessita de recorrer a estas desvirtuações para fazer rir as plateias. Joaquim Almada muito bem, principalmente na scena de entrada do 1.º acto. Samuel Diniz com um belo aprumo e intenção. O actor Seixas Pereira merece uma referência especial pela maneira cuidada e erecta como delineou o tipo de continuo do Senado. Também nos agradou a actriz Laura Fernandes. Os outros artistas muito correctamente. Os interiores muito bem arranjados.

Não achamos próprio que o continuo, no acto 3.º, furtasse um bolo quando serve o chá, tratando-se dum serviçal que detesta as liberdades dos homens das esquerdas...

A tradução nem sempre nos agradou. Não nos parece muito certo substituír a frase «un homme qui passe» por «um homem que passa»; o título «Os homens de hoje» não é o mesmo que «Les nouveaux messieurs».

Nogueira de BRITO

Notícias

No teatro Maria Vitória repete-se hoje a interessante revista «Foot-Ball», com as alusões «Questão do Banco»», «As notas do Vasco da Gama», «Os 3 rapioqueiros»:

Na próxima sexta-feira as duas sessões do Maria Vitória serão dedicadas às divisões de honra do futebol de Lisboa.

—No domingo, às 15 horas, realiza-se o 5.º concêrto sinfónico da regência do ilustre maestro Fernndes Fão, no teatro do Gimnásio.

—No Apolo sobe hoje mais uma vez à scena a interessante peça «A Taberna» em que o ilustre actor José Alves da Cunha tem um brilhante papel.

—No Coliseu dos Recreios, realiza-se hoje a última exibição do super-«film» dramático «As duas orfãs». No próximo sábado estreia-se a nova companhia de circo, que tem entre outras celebridades o mundialmente famoso domador de leões Ivanoff.

—No São Luís representa-se hoje pela última vez a opereta «Os Gaviões». A'manhã voltarão à scena as operetas de grande espectáculo «A montaria» e «A canção do olvido».

—Os ensaios de «A moça de Campanilhas» prosseguem activamente.

—No Avenida, continua-se a representar «O pão de ló», que se aproxima da 100.ª, devendo o público munir-se, a tempo, dos seus bilhetes, para evitar as habituais acumulações e falhas.

TEATRO MARIA VITÓRIA
TELEFONE N. 3644
Duas sessões—A's 20,30 e 22,30
Hoje :-: DIA DE REIS :-: Hoje
Deslumbrantes entusiásticos espectaculos com a célebre revista
FOOT-BALL
O maior triunfo até hoje registado em peças do género—Graça! Riqueza! Deslumbramento!
O BANCO DOS REUS, LTD. — O JORCA — AS ROSAS DE PORTUGAL
Notaveis criações de LINA DEMOEL e HORTENSE LUZ
Rábulas desopilantes de CARLOS LEAL
ALFREDO RUAS, ALBERTO GHIRA e SANTOS CARVALHO
—:—: GRAÇA SEM PORNOGRAFIA :—:—

TEATRO S. CARLOS
Hoje — Hoje
repete-se a peça de FLERS e CROISSET
Os homens de hoje
que tanto êxito obteve ontem

TEATRO S. LUÍS
Telefone C. 224
HOJE
ultima récita da opereta
Os gaviões
Quinta, Sexta, Sábado e Domingo
4 únicas récitas
COM
A MONTARIA
E A
CANÇÃO DO OLVIDO
BREVEMENTE:
A MOÇA DE CAMPANILLAS
de PABLO LUNA

TEATRO APOLO
Telef. N. 4129
HOJE HOJE
O DRAMA
A TABERNA
Ruidoso Exito
de Emilio Sola
Colossal criação do admirável actor-empresário
Alves da Cunha
ESPLÊNDIDO CONJUNTO

DENTES ARTIFICIAIS a 25$00. Extracções sem dôr a 15$00. Concertam-se dentaduras em 4 horas a 20$00. Dentaduras completas sem placa em «cautchú». Consultas das 11 da manhã às 8 da tarde.
MARIO MACHADO
R. Garrett, 74, 1.º (Chiado)

Lêde o Suplemento de A BATALHA

COLISEU DOS RECREIOS
Hoje —:— ULTIMO DIA —:— Hoje
Do extraordinário e grandioso super-film em 2 jornadas e 12 actos
AS DUAS ORFÃS
Prodigiosa reconstituição das lutas da Revolução Francesa
ALMAS DO OUTRO MUNDO
Comédia burlesca
DESAFIO SPARTA-SPORTING
Actualidade desportiva
ÚLTIMO dia ÚLTIMO
SÁBADO, 9 — Estreia da
Nova Companhia de Circo

TEATRO GIMNASIO
Direcção artística de GIL FERREIRA
HOJE
VIDA E DOÇURA
Peça de palpitante interêsse
DOMINGO
4.º CONCERTO FÃO

TIVOLI
Telefone N. 5474
A's 8 3|4
DOLLY DAVIS
em
CLAUDINA
Comédia em seis partes
JACKIE COOGAN
(O Miudinho de Charlot) em
O PEQUENO ROBINSON
Comédia em seis partes
CHARLIE CHAPLIN
(Charlot) em
Dia de Férias Cine-farça em três partes
Uma Revista de actualidades
A'MANHÃ, MATINÉE ÁS 13 HORAS

Desfazendo uma insinuação

A propósito duma notícia tendenciosa do órgão das «fôrças vivas» escreve-nos o dr. sr. Mário Monteiro a carta quenos apressamos a publicar:

«*Sr. redactor:*—Li em *O Século* do dia 4 do corrente que a polícia radicara as suas suspeitas contra dois presos por lhes encontrar cartas dos detidos em Monsanto e um recibo meu referente à quantia de quatro contos por defesa de «legionários». Não sei se é crime os presos escreverem e se também é crime receber cartas suas; todavia, quanto ao recibo, deve declarar que respeita a um prêso por crime comum e que se estava em poder de alguém é tão sòmente porque êsse alguém fez parte da comissão que solicitou e pagou os meus serviços profissionais.

Não haja, pois, o mínimo vislumbre de política prejudicial aos recentemente presos onde existe simplesmente um caso de advocacia que terminou até num julgamento já efectuado no 3.º Distrito Criminal.

Agradece, etc., *Mário Monteiro*.»

'A Batalha' na provincia e arredores

Cacém

Enquanto o democratismo fecha as escolas...

CACEM, 1.—Continua encerrada a escola oficial de Agualva a-pesar-de, segundo nos informam, estar já nomeada há bastante tempo a respectiva professora. Ignoramos o motivo desta anormalidade.

A reacção faz a sua propaganda

Enquanto isto se passa em pleno «regime democrático» a reação campeia infrene por estes sítios!

Assim, temos notado ultimamente o «baptismo» pela igreja de muitas crianças, já com alguns anos, que apenas tinham sido registadas (o que é suficientemente legal) na respectiva repartição do registo civil.

Auxiliando todas estas manobras existe em Rio de Mouro uma escola que não admite criança sem que previamente tenham sido «baptizadas» pela igreja!—C.

Alcobaça

Novo mercado semanal

ALCOBAÇA, 31.—Pela comissão executiva da câmara municipal foram afixados editais tornando público a criação de um novo mercado semanal ás quintas feiras, que será inaugurado no dia 14 de Janeiro próximo.

Como é de tradição, o mercado semanal nesta localidade foi sempre ao domingo.

Depreende-se desta resolução que, a câmara tem em mira preparar o público para satisfação das deliberações da assemblea há dias realizada pelo caixeirato de Leiria, em que se pugnou pelo descanço dominical em todo o distrito.

Vila Real de Santo António

Um feito «heroico» da «briosa»

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 3.—No dia de ano novo, efectuou-se nesta localidade, um desafio de *futebol* entre o Luzitano F. C. e o Glória F. C. O jôgo decorreu com grande violencia de parte a parte, dando azo a que se envolvessem em desordem, tendo a assistencia protestado contra tal maneira de praticar o futebol, e invadindo o campo para separar os jogadores, intervindo nesta altura, a guarda pretoriana que começou por distribuir pranchadas a torto e a direito. A cavalaria avançou a tôda a brida com as espadas desembainhadas, atropelando crianças, e homens. A duas crianças que iam ficar debaixo das patas dos cavalos, foi um popular chamado «Ribeirinha» acudir-lhes, sendo tão ferozmente agredido, que ficou com o corpo em miserо estado, todo acutilado, valendo-lhe o não ser assassinado um cabo ferrador da G. N. R., que também estava assistindo ao jôgo, o qual atravessou a sua espada no ar, não permitindo que o tal popular fosse mais agredido, e sendo êste ainda por cima prêso e agredido, no quartel da guarda republicana.

A uma criança, esmigalharam-lhe um pé com as patas dos cavalos, e a um outro popular, atravessaram-lhe as calças com a ponta da espada, valendo-lhe não ser ferido a sua calça ser larga.

GIMNASIO
A mais linda e encantadora comédia «Vida e doçura», pelo fino espírito do entrecho e pela interpretação, está dando as últimas récitas.

Ocorrências diversas

Na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, deu entrada João Luís da Inácia de 23 anos, natural e residente no sítio do Prado, concelho de Marvão, que ali foi colhido por uma carroça ficando com uma perna fracturada.

—No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e seguiu para casa, João Jacinto de 43 anos, natural de S. Pedro do Sul, carroceiro, residente na Senhora de Santana, que caíu da carroça de que era condutor, na rua do Lemos, ficando contuso nas costas e ferido na cabeça.

—Na enfermaria n.º 2 do Hospital de Arroios deu entrada Sebastião Jesus Ferreira, de 51 anos, natural da Batalha, tecelão, morador na estrada de Benfica, que caíu próximo da residência, fracturando a perna esquerda.

—A' enfermaria de Santo António do Hospital de S. José, recolheu João da Fonseca Moreira, de 44 anos, servente da Câmara Municipal, natural da Guarda e residente no Alto do Longo, 29, rez do chão, que caíu na rua de S. Pedro de Alcântara fracturando uma perna.

—Na morgue deu entrada um indivíduo cuja identidade se ignora o qual aparenta ter 30 anos, tipo de operário, que foi acometido de doença súbita no largo de S. Domingos, chegando ao Hospital de S. José já morto.

OS QUE MORREM

André do Carmo

Faleceu ontem às 17 horas, na sua residência, rua Bernardim Ribeiro, 58, 3.º esq, o camarada André do Carmo, dedicado elemento da Classe Telégrafo-Postal, à qual prestou sempre o melhor do seu esfôrço.

Ultimas notícias

Reunião magna da União do Professorado Primário

Na última sessão foram aprovadas algumas alterações ao estatuto da "Lutuosa" e eleitos os corpos gerentes

A 3.ª e última sessão da reünião magna da União do Professorado Primário iniciou os seus trabalhos às 21,30 horas. Presidiu o sr. Carlos Alberto, do Núcleo de Coimbra, e secretariaram a sr.ª D. Joana da Consolação e António José de Oliveira.

Lidos vários telegramas de saüdação que estavam sôbre a mesa, o sr. Carlos Martins, instituidor da «Lutuosa», fez a leitura de algumas alterações a introduzir no estatuto da referida «Lutuosa», as quais foram demoradamente apreciadas por grande número de delegados. A discussão, monótona por vezes, durou cêrca de duas horas, findas as quais se procedeu definitivamente à votação das referidas alterações que foram aprovadas com ligeiras emendas.

No decorrer da discussão, vários oradores prestaram homenagem ao sr. Carlos Martins, pela organização da valiosa obra que se chama «Lutuosa», sendo também recordado o nome do nosso saüdoso amigo António Manaças, professor ilustre, falecido há anos, e um dos precursores da «Lutuosa».

Cêrca da 1 hora principiou a eleição, por escrutínio secreto, do secretário geral da União do Professorado Primário, e que se prolongou até depois da 1,30 de hoje, hora em que foi proclamado eleito o professor sr. Faria Artur.

Para o conselho federal foram eleitos, pelos delegados dos núcleos, os seguintes professores: António Santos, Celestino Pires, Viana do Castelo; Eduardo Frias e Ferreira Botelho, Vila Real; Aurélio Mendes e Anselmo Rodrigues, Braga; Almeida Cardoso e Pereira Viana, Pôrto; Carlos de Abreu e António Quental, Coimbra; Acacio de Almeida e Mário Ferreira, Vizeu; Lopes Pimentel e Marco Mano, Guarda; Bernardino de Almeida e Terésio Gomes, Leiria; Claudino Dias e Marques Gonçalves, Castelo Branco; Boavida Canada e Barreto Mendes, Lisboa; Carvalhão Duarte e Matias Raposo, Santarem; Silva Araujo e Canário Gomes, Aveiro; Manuel Gonçalves e Francisco de Andrade, Evora; Delfina do Nascimento e Lopes Janeiro, Beja; José Mendes Gomes e Joaquim Gomes Leão, Portalegre; Rodrigues Peral e Henrique Leão, Faro.

Da Delegação Executiva ficam fazendo parte, além do secretário geral há pouco eleito, os srs. Acácio Gouveia, Gil Mendonça, José Lázaro e Sousa Lopes. Secretários do Conselho Federal serão os professores Carvalhão Duarte e Sousa Lopes. Com estas nomeações ficaram eleitos os corpos gerentes da União.

Antes de encerrar a sessão o sr. Manuel Barroso propôs uma saüdação à imprensa que foi delirantemente correspondida.

Eram 2 horas de hoje.

SÃO CARLOS

O mais atraente e artístico dos espectáculos é o de hoje neste teatro com os «Homens de hoje»

Um formidável tufão

BERLIM, 5.—Segundo notícias recebidas de Apia (Samos), fez-se ali sentir um formidável tufão, como não há memória desde 1889.

Um navio apanhado pelo tufão perdeu-se por completo.

Das colónias portuguesas

O governador da Guiné propôs para ser reformado disciplinarmente o administrador de circunscrição daquela provincia Augusto da Graça Falcão, por faltas cometidas no exercício das suas funções, como se apurou na sindicância que lhe foi feita, não propondo a sua demissão por se tratar de funcionário com bastantes anos de serviço.

De Moçambique protestam contra a forma como se fazem ali as concessões de terrenos, pois essas concessões são feitas em grande número a estrangeiros, e a continuar assim dentro em pouco a província será mais estrangeira do que portuguesa, e, não admira que essa desnacionalização se faça porque há portugueses que pedem a concessão de terrenos para depois os venderem a estrangeiros, terminando por pedirem que essas concessões sejam feitas com tôdas as cautelas, de modo que não possam nunca ser trespassadas.

Segundo dados oficiais, a área coberta da cidade de Lourenço Marques é de metros quadrados 488.882,04 e a parte descoberta é de 3.505.589,27. Da parte coberta pertencem 261.824,92 a estrangeiros; a indianos 38.693,18, e 11.438,38 a Bancos, dois dêstes estrangeiros. Da parte descoberta pertencem 1.862.885,12 a estrangeiros, a indianos 235.330,57, e 133.693,60 a Bancos. De modo que da área da cidade pertence apenas a portugueses metros quadrados 1.126.069, propriedade rústica, e 127.830,73 propriedade urbana. No resto da província a concessão de terrenos a estrangeiros conta-se por milhares e milhares de hectares.

APOLO
O mais notavel trabalho de Alves da Cunha, na «Taberna», faz com que tôdas as noites se encha, por completo, êste popular teatro.

O temporal em França

PARIS, 5.—As cheias continuam sem alteração, tanto na França como na Bélgica. O comboio Paris-Colónia descarrilou, em virtude dum desabamento de trincheira sôbre a linha férrea, e a linha Paris-Bruxelas passa através dum grande lago, constituído pela região entre Mons e Bruxelas.

Os funerais dos funcionários das Colónias pagos pelo Estado

Foi determinado que as despesas dos funerais dos funcionários falecidos na colónia, sejam pagos pelo Estado, quando não tenham família na localidade em que falecerem, ou que esta não tenha meios para ocorrerem às referidas despesas

MARCO POSTAL

Ferragudo. — *J. Gonçalves Nunes.* — Novamente instamos para que nos responda sôbre o seu débito.
Funchal.—*M. M. Costa.*—Segue o jornal pedido e recibo.
Sêda.—*Ass. dos Rurais.*—Ficou paga a assinatura até 31 de Janeiro corrente.
Lisboa.—*M. N. Ramos.*—Ficou pago o mês de Janeiro.
Pittefield.—*D. A. Monteiro.*—Recebemos carta e cheque. Seguem recibos por carta.

AGENDA

CALENDARIO DE JANEIRO

S.		4	11	18	25	
T.		5	12	19	26	
Q.		6	13	20	27	
Q.		7	14	21	28	
S.	1	8	15	22	29	
S.	2	9	16	23	30	
D.	3	10	17	24	31	

HOJE O SOL
Aparece às 7,56
Desaparece às 17,29

FASES DA LUA
L. C. dia 14 às 2,1
Q. M. » 7 » 12,11
L. N. » 14 » 19,5
Q. C. » 20 » 11,8

MARES DE HOJE

Praiamar às 7,26 e às 7,51
Baixamar às 0,31 e às 0,56

CAMBIOS

Paízes	Compra	Venda
Sôbre Londres, cheque		95$00
» »		
» Madrid cheque.		2$77
» Paris, cheque...		$74
» Suiça, » ...		3$79
» Bruxelas cheque		$89
» New-York, »		19$60
» Amsterdão »		7$90
» Itália, cheque...		$79
» Brasil, » ...		2$92
» Praga, » ...		$58
» Suécia, cheque.		5$26
» Austria, cheque		2$77
» Berlim, »		4$68

ESPECTÁCULOS

TEATROS

São Carlos.—A's 21,30—«Os Homens de Hoje».
Trindade.—A's 21,15—«Cló Cló».
Gimnásio.—A's 21,15—«Vida e Doçura».
Apolo.—A's 21,15—«A Taberna».
São Luis.—A's 21,15—«Os Gaviões».
Avenida.—A's 21,15—«O Pão de Ló».
Eden—As 20,45 e 22,45.—«Fungágá».
Coliseu—A's 21—«As Duas Orfãs».
Maria Vitória— A's 20,30 e 22,30 —«Foot-Ball».
Salão Foz.—A's 9,45—«O Pirolito» Animatógrafo e Variedades.
Cinema Gil Vicente (á Graça)—Espectáculos ás 3.as 5.as, sábados e domingos com «matinées».
Avenida Parque—Tôdas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli — Olimpia — Central — Condes—Chiado Terrasse—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpesas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrês, frentes para estabecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de tôdas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

A sair por êstes dias a 9.ª SERIE DE **OS MISTÉRIOS DO POVO**

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cêrca de 320 páginas **6$00**.

A obra mais barata que no género se publica

CLINICA DO CHIADO
RUA GARRETT, 74, 1.º
TELEFONE C. 4186
Doenças venéreas
Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

FÁBRICA de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244—LISBOA —

Menstruação
UTERIN do DR. R. WOLFF, de Berlim

E' um medicamento sem rival, visto a sua infalibilidade na amenorreia, isto é, na falta, supressão ou irregularidade da menstruação, bem como na Dismenorreia, menstruação dificil que sempre vem acompanhada de nauseas e de cólicas uterinas tão fortes, que obrigam a recolher à cama durante 24 horas.

O uso dêste preparado sobreleva tudo quanto, até hoje, tem aparecido em virtude dos seus efeitos rápidos e certos.

Os incómodos próprios da falta de menstruação, como: dôr de cabeça, vertigens, zumbidos nos ouvidos, sonolência, dôres nos rins, etc., desaparecem passado pouco tempo com o uso dêste maravilhoso remédio, de composição inteiramente vegetal.

Tomar na devida atenção o prospecto que acompanha cada exemplar, no qual está indicada a forma de usar.

Preço:—Escudos 15$00; pelo correio. escudos 16$00.

A' venda no agente e depositário geral para Portugal e Colónias—Fernando da Silva, 188, rua da Madalena, 190, e na Farmácia Portugal, rua Augusta, 218, e no Pôrto, Farmácia Central, de Salgado Lencart, rua de 31 de Janeiro, 203.

Por 1$000 réis 20.000 tesouras fechadas e canivetes *Soling*. Pares de botões p. punhos. Cadeados (artigo alemão). Revende 10 por 9$00. Remetem-se amostras e pedidos, o que garantimos, à cobrança do correio.
S. M. SERETO
R. Arco do Bandeira, 159—LISBOA

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano dêste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a côres, por Alonso, contendo um indispensável indice dos variadissimos assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45$00.

Encadernação (por capas e indice), 20$00.

Capas e indice em separado, 15$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de *A Batalha.*

Frio!! Frio!! Frio!!

PARA SENHORA
Vestidos em lã a principiar em **40$00**
Casacos a principiar em..... **60$00**
Enorme sortido em CASACOS DE PELUCHE por preços limitadíssimos
Bom sortimento de casacos para criança

PARA HOMEM
Fazem-se fatos de bons cheviotes com elegância e bom acabamento a principiar em.............. 225$00
Grande sortido em SOBRETUDOS por preços sem competência
Os melhores capotes alentejanos são os desta casa

CASA MARIPOSA
87-Rua dos Fanqueiros-91
(Próximo à rua dos Retrozeiros)

Valério, Lopes & Ferreira, L.da
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para cadeiras, — guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pêsos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
84, R. DO AMPARO, 86--LISBOA — TELE{ fone, 3930, N. gramas, FERRAGENS

MÓVEIS
COMPRAM E VENDEM
NOVOS E USADOS
José Epifânio Real & Filho
31, RUA DO NORTE, 33—LISBOA

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 22 desta revista intitulado **Luz en las tinieblas**, de F. Caro Crespo. **Preço, $50.** — Pedidos à administração de *A Batalha.*

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia
Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA
Publicação mensal

Redacção e administração—*Empresa Literária Fluminense, Limit.ª*—R. dos Retrozeiros, 125—LISBOA.

A' venda na administração de «A Batalha».

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esbôço biográfico do autor: Preço 1$00.

Pedidos à administração de *A Batalha.*

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckinof. Preço 1$50.

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas marca «Touro» da Emprêsa de Limas rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo!

UNIÃO

MARCAS REGISTADAS
União Tome Feteira, Ltd.ª.

Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

"A BATALHA" No Funchal vende-se no **Bureau de La Presse.**

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Govêrno* de 20 de Maio sôbre o horário de trabalho, **sendo o seu preço avulso de $50.**

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA.

Guerra aos parasitas
"ÁTILA"
O melhor produto para a limpeza da cabeça e higiene do corpo.

Resultado rápido e eficás na extinção dos parasitas.

Frasco — 2$50

A' venda nas boas casas.

Depositários em Lisboa:

Drogaria J. Pimenta, Rua do Alecrim, 84.
Drogaria Viúva Simões & Teixeira, Rua dos Fanqueiros, 235.
Drogaria Ribeiro & Branco, Rua Silva e Albuquerque, 75.

ISQUEIROS
Pedras, Metal Auer, vendem-se no LATTA, do Conde Barão.—Dúzia, $40; 100, 2$50 milheiro, 25$00.
Largo do Conde Barão, 55
Grande desconto aos revendedores

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, SCIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho—Amanhã.............. 16$00
Alexandre Herculano
Lendas e Narrativas (2 volumes). 20$00
Cartas (2 volumes)............ 20$00
Adolfo Lima
Contracto do Trabalho......... 10$00
Educação e ensino............. 5$00
Aquilino Ribeiro
Anatóle France................ 3$00
Estrada de São Tiago.......... 10$00
Jardim das Tormentas.......... 10$00
Via Sinuosa................... 10$00
As Filhas da Babilónia........ 10$00
Augusto de Sousa.—Fôlhas perdidas (Fados)................ 10$00
Bento Faria.—Missa nova (teatro em verso)................ 1$00
Binet-Sanglé—A loucura de Jesus... 5$00
Charles Darwin—Origem das especies................ 14$00
Campos Lima
O Estado e a evolução do Direito 12$00
O Amor e a Vida............... 5$00
Ceia dos Pobres............... 2$00
A Revolução em Portugal....... 6$00
Buckner. — O homem segundo a sciência................ 12$00
Duarte Lopes
Frei Sangue................... 5$00
Eça de Queiroz
O crime do Padre Amaro........ 18$00
O primo Basilio............... 16$00
O Mandarim.................... 8$00
Os Maias (2 vol.)............. 28$00
A Reliquia.................... 15$00
A Cidade e as Serras.......... 12$00
Fradique Mendes............... 9$00
Casa Ramires.................. 15$00
Prosas Bárbaras............... 9$00
Ecos de Paris................. 9$00
Cartas Familiares............. 9$00
Cartas de Inglaterra.......... 9$00
Minas de Salomão.............. 9$00
Notas Contemporâneas.......... 15$00
Ultimas páginas............... 15$00
Ernesto Haeckel
História da Criação........... 20$00
Origem do Homem............... 5$00
Os enigmas do Universo........ 14$00
Monismo....................... 4$00
Religião e evolução........... 4$00
Faguet
Iniciação filosófica.......... 5$00
Iniciação literária........... 10$00
Faria de Vasconcelos
Problemas escolares........... 5$00
Por terras de álem mar........ 5$00
Ferreira de Castro
Sangue Negro.................. 2$50
Sendas de Lirismo e de Amor... 8$00
F. Castro e E. Frias—A Bôca da Esfinge................ 8$00
Flamarion
Iniciação astronômica......... 6$00
Contos de luar................ 5$00
Como acabará o mundo?......... 7$00
Os habitantes dos outros mundos 4$00
Felix le Dantec.—As influências ancestrais................ 10$00
Ateismo....................... 6$00
Fialho de Almeida
Lisboa Galante................ 10$00
Estâncias de Arte e Saudade... 9$00
Figuras de destaque........... 9$00
Actores e Autores............. 9$00
Contos........................ 9$00
A Esquina..................... 9$00
Aves Migradoras............... 9$00
Barbear, Pentear.............. 9$00
Cidade do Vicio............... 9$00
Pasquinadas................... 10$00
Pais das Uvas................. 9$00
Saibam quantos................ 9$00
Vida errante.................. 9$00
Vida irónica.................. 9$00
Guerra Junqueiro
A morte de D. João............ 10$00
Musa em férias................ 9$00
Os Simples.................... 7$00
A velhice do Padre Eterno (Encadernação de luxo)........ 14$00
Brochado...................... 10$00
Gorki
Os Degenerados................ 5$00
Os vagabundos................. 5$00
Na Prisão..................... 2$50
Jaime Cortezão.—Adão e Eva (teatro)................ 5$00
Jorge Teixeira.—Gatunos de Luva Branca—A Escomalha (peças de teatro)................ 2$50
Julião Quintinha
Visinhos do Mar............... 8$00
Cavalgada do Sonho............ 8$00
Terras de Fogo................ 8$00
Malvert.—Sciência e Religião...... 10$00
Nogueira de Brito
I—Memoriam de Angela Pinto.... 15$00
Plasant.—Iniciação matemática..... 5$00
Oliveira Martins
Helenismo e a Civilisação Cristã. 15$00
História da Civilisação ibérica.. 15$00
História da República Romana (2 volumes)................ 30$00
História de Portugal (2 vol).... 30$00
Raças Humanas (2 vol)......... 30$00
O Brasil e as Colónias Portuguesas 15$00
Cartas Peninsulares........... 15$00
Sistema dos meios e ficções religiosas................ 15$00
Orlando Marçal
Aguas claras.................. 6$00
Imagens de Sônho.............. 1$00
Spencer
Da Educação (broc. 5$00) encad. 8$50
Raul Brandão
Os pescadores................. 10$00
Os Pobres..................... 10$00
O Teatro...................... 8$00
Victor Hugo
França e Belgica.............. 20$00
O Reno (2. v.)................ 12$00
Os Miseraveis (2 grossos vol) ilustrados, encadernados...)..... 40$00
Zola
A Taberna..................... 12$00
Tereza Raquin................. 6$00
Alegria de viver (2 vol.)..... 10$00
A conquista de Plassans, (2 vol.) 10$00
Fecundidade................... 20$00
A fortuna dos Rougons, (2 vol.)... 10$00
Uma página de amor............ 9$00
Dr. Pascal.................... 10$00
Zargame—origem da vida......... 7$00

PUBLICAÇÕES SOCIOLÓGICAS

...—Organização Social Sindicalista 3$00
Antonelli.—A Russia bolxevista.... 2$00
Sr. Albert.—O amor livre......... 5$00
Dufour.—O sindicalismo e a proxima revolução (2 volumes)..... 10$00
Emilio Bossi.—Cristo nunca existiu. 6$00
Geo Williams. — Relatório dos delegados dos I. W. W ao congresso da I. S. V. de Moscou........ 1$00
Gladiator.—A questão social do Brasil................ 1$50
Gustavo le Bon
As primeiras conseqüências da guerra................ 8$00
Ensinamentos psicológicos da guerra europeia................ 8$00
Leis psicologicas da evolução dos Povos (enc.)................ 6$00
Guyau.—Ensaio duma moral sem obrigação nem sanção........ 5$00
Educação e Hereditariedade.... 4$00
Hamon
A conferência da paz e a sua obra 5$00
As lições da guerra mundial... 8$00
O movimento operário da Gran-Bretanha................ 5$00
Psicologia do socialista-anarquista 5$00
A crise do Socialismo......... $50
Henrique Leone—O Sindicalismo... 4$00
Heliodoro Salgado
O culto da Imaculada.......... 10$00
Jean Grave
A sociedade Futura............ 5$00
Anarquia, fins e meios........ 10$00
O individuo e a sociedade..... 5$00
Joseph J. Ettor.—Unionismo industrial................ $50
Julio Guesde. — A lei dos salarios.... $50
Justus Ebert.—Os I. W. W. na teoria e na prática............ 3$00
Krapotkine
A mocidade.................... $50
A anarquia, sua filosofia e seu ideal 1$50
A Grande Revolução (2 vol).... 12$00
A moral anarquista............ $50
Os bastidores da Guerra....... $30
O Estado e o seu papel histórico 1$50
Lazare.—A Liberdade............. $50
N. Lénine.—Os problemas do poder dos Soviets................ 1$50
Landauer.—A Social Democracia na Alemanha................ $50
Manuel Ribeiro.—Na linha de fogo.. 3$00
Marx.—O Capital.................. 4$00
Melchior Inchofer.—Monarquia jesuítica................ 3$00
Nietzche
Anti-Cristo................... 5$00
Genealogia da moral........... 5$00
Neno Vasco.—Ao Trabalhador Rural —Georgicas................ $35
Concepção Anarquista do Sindicalismo................ 3$00
A greve dos inquilinos........ 1$00
Novicow.—A emancipação da mulher................ 4$00
Pataut e Pouget.—Como faremos a revolução................ 4$00
Perfeito de Carvalho.—Notas e comentarios................ 1$50
Sebastião Faure.—Doze provas da inexistência de Deus........ 1$50
Tomás da Fonseca. — Sermões da Montanha................ 12$00
Tolstoi—Sonata de Kreutzer....... 5$00
Toulouse.—Como se deve educar o espirito................ 4$00

6-1-1926 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 616

a sua obra de infernal hipocrisia, tinha conseguido despertar na alma de sua mãe as mesmas esperanças que havia despertado na alma de Cristiano; porisso, quando ouviu Hervé suplicar-lhe com voz enternecida que suspendesse o seu juizo àcêrca dêle a respeito do roubo de que o acusavam, e confessar que êle reconhecia demasiado tarde os efeitos funestos duma influência perigosa, e vendo finalmente seu filho corresponder com uma efusão inesperada ao afectuoso acolhimento de sua irmã, Brigida disse consigo, como havia dito Cristiano:

— Esperemos, Hervé está possuido de melhores sentimentos; a penosa conversação de ontem à noite produziu o efeito desejado, as nossas admoestações operaram nele uma acção salutar, os bons princípios de educação que de nós recebeu retomam o seu império... Esperemos, pois!

E aquela feliz mãe, com o coração tão cheio de alegria quanto o tinha contristado na véspera, ocupava-se dos preparativos da ceia.

Hêna, não menos alegre que Brigida das esperanças que haviam concebido a respeito de Hervé, estava radiante de felicidade, e êste sentimento fazia sobresair ainda mais a sua formosura.

Apenas de idade de dezassete anos, de estatura esbelta e correcta, Hêna trazia o seu lindo cabelo loiro em duas espessas tranças, que lhe molduravam o rosado e fresco rosto; a suavidade das suas feições, duma formosura angélica, teria inspirado Rafael Sanzio. Branca como a açucena, tinha o púdico brilho desta flor; a candura, a bondade, liam-se no azul dos seus olhos. Muitas vezes êles detinham-se com êxtasi naquele mau irmão tão querido e de quem a pobre criança já não se julgava amada. Assentada junto dêle, ocupada num trabalho de costura, ela sentia-se, como outrora, cheia da mais doce confiança em seu irmão, e êste parecia outra vez afectuoso e risonho como noutro tempo; ambos, por um tácito acôrdo, repelindo qualquer alusão a um passado aflitivo, entretinham-se tão familiarmente como se a sua fraternal intimidade nunca tivesse experimentado a mais ligeira alteração.

Hervé, não obstante o império que tinha sôbre si e a sua dissimulação profunda, achava-se contrafeito, sentia a necessidade de falar, procurando distrair o espírito com o som das palavras, a-fim-de escapar à obsessão do seu pensamento secreto, e escolhia ao acaso o assunto da conversação. Os dois irmãos continuavam assim conversando, enquanto Brigida se achava momentaneamente no andar superior ocupada dos arranjos da casa.

— Hervé—dizia Hêna ao irmão parecendo reflectir — a tua narração interessa-me vivamente; que idade poderia ter êsse frade?

— Eu sei cá?... vinte e cinco anos, talvez.

— O seu rosto era ao mesmo tempo formoso, triste e suave, não é verdade? Tem a barba um pouco mais clara do que o cabelo da cabeça que é castanho; os seus olhos são pretos, e a sua côr é muito pálida; finalmente, tem uma fisionomia simpática.

Hêna, enquanto conversava dêste modo com seu irmão, continuava com o seu trabalho de costura; ela não pôde observar a expressão de surpreza que se traiu nas feições de Hervé; contudo êle respondeu a sua irmã sorrindo:

— Sinais mais completos não pode havê-los... E' preciso olhar com bastante atenção para uma pessoa a-fim-de conservar dela uma recordação tão viva. Mas o que te leva a crer que o frade de quem se trata seja êsse belo frade de barba castanha de quem acabas de me fazer o retrato?

— Então não me disseste tu, caro irmão, que tinhas sido há pouco testemunha duma acção tocante, da qual o jóvem frade era o autor? — Pois bem! ocorreu-me a idea que se tratava talvez do religioso de que te falo... Vamos, continua essa interessante narração.

— E quem é êsse frade? onde o viste? donde o conheces? — preguntou com voz breve Hervé a sua irmã com uma espécie de inveja angustiosa que mal podia dissimular. A ingénua criança, equivocando-se a respeito do sentimento que ditava as preguntas de seu irmão, respondeu-lhe alegremente:

— Oh! oh! senhor Hervé, vocemecê é bem curioso; acabe primeiro a sua história, depois lhe responderei.

Hervé, afectando um tom jocoso, continuou a sua narrativa deitando a sua irmã um olhar profundo e penetrante:

— Oh! oh! menina Hêna, vocemecê censura a minha curiosidade... mas a sua, segundo me parece, não é inferior à minha... Não importa, seja satisfeita a sua vontade... Esta manhã, ao passar diante do alpendre da igreja de São Merry, vejo um ajuntamento tumultuoso, e preguntando eu qual era a causa daquele tumulto, responderam-me que uma criança de seis meses apenas havia sido depositada debaixo do portal da igreja.

— Pobre criaturinha!

— Neste momento um jóvem frade abre caminho por entre a multidão, pega na criança ao colo, e, com as lágrimas nos olhos e possuído da mais tocante compaixão, aquece com o seu hálito as mãosinhas daquele pobre abandonado, embrulha-o cuidadosamente numa das compridas mangas do seu hábito, e afasta-se tão alegremente como se tivesse achado um tesouro; a multidão aplaudiu, e eu oiço dizer em volta de mim que aquele frade era da ordem dos Agostinhos, e que se chamava frei São Ernesto-Martyr.

— Como, Martyr?... êle tão caritativo?

— Tu ignoras, minha irmã, que ao professarem os votos monásticos, os frades renunciam aos seus nomes de familia e tomam nomes de santos. Finalmente — replicou Hervé, que não cessava de fixar o seu olhar inquisidor sôbre sua irmã Hêna — frei São Ernesto-Martyr afastou-se precipitadamente com o seu precioso embrulho, e houve alguém que disse:

— Por certo, aquele bom frade vai levar a pobre criança a casa de Maria Catella...

— Eu tinha a certeza disso, exclamou ingènuamente Hêna; é êle mesmo; é o meu frade!...

— Como, o teu frade? — preguntou sorrindo Brigida, que neste momento descia a escada do andar superior, exaltando de jubilo ao vêr o filho e a filha a conversarem familiarmente como noutro tempo. — De que frade falas tu dum modo tão expressivo, querida Hêna?

— Minha mãe, lembras-te da Catella e da sua escola? Lembras-te daquela excelente mulher?

— Sem dúvida; lembro-me muito bem daquela jóvem viuva, Maria Catella. A escola que ela fundou para a instrução das crianças pobres é uma obra de grande caridade, e que deve também muito a João Duboury, mercador da rua de São Diniz, e a um rico burguês, o senhor Laforge, que tão generosamente auxiliaram Maria Catella, e sua irmã Martha, mulher de Poille, arquitecto-pedreiro, que partilha como ela os cuidados verdadeiramente maternais que ela prodigaliza aos pobres órfãos, que são recolhidos em sua casa, a que chamam com razão «a casa do bom Deus...».

— Quando nós fômos a casa de Catella — prosseguiu Hêna — lembras-te mãe, que eram horas de escola?

— Lembro-me, sim... por sinal que um frade agostinho dava lições às crianças agrupadas em volta dêle, umas assentadas a seus pés, outras nos seus joelhos...

— Pois bem! minha mãe, eu escutava êsse frade que explicava às crianças esta parábola: «Maus são aqueles que vivem do leite da ovelha, que se vestem com a sua lã, e deixam o pobre animal sem pastagem...». Ele dizia a este respeito coisas que revelavam tanta caridade, posto que muito simples e ao alcance da inteligência das crianças, que as lágrimas me vinham aos olhos.

— Eu partilhava, Hervé, a comoção de tua irmã — replicou Brigida dirigindo-se a seu filho, que, silencioso e absorto nos seus pensamentos, já não tomava parte na conversação. — Tu não podes imaginar com que bondade encantadora aquele jóvem frade instruía as crianças, medindo as palavras ao alcance da sua inteligência, a-fim-de as compenetrar da simples e pura moral evangélica Maria Catella asseverava-nos que

A BATALHA

Produziu ontem a maior sensação o Suplemento que «A Batalha» publicou inserindo o discurso do dr. Amâncio de Alpoim contra o Banco de Portugal

MOVIMENTO OPERARIO INTERNACIONAL

As decisões da Conferência anglo-russa

Eis as resoluções da Conferência anglo-russa realizada em 8 de dezembro último:

I—O comité consultivo misto anglo-russo lamenta a acção empreendida pela maioria do conselho geral da F. S. I. que conduziu à rejeição da proposta da Conferência imediata e sem condições entre a Federação Sindical Internacional e o Conselho Central Pan-russo dos Sindicatos.

II—O comité declara que esta decisão foi tomada mais por motivo de representações erróneas e de prevenções oficiais do que por opiniões e desejos das massas compondo o movimento sindical internacional. Como testemunho dêste facto, o comité cita a prevenção que foi oposta ao movimento russo no mesmo dia em que outras posições foram tomadas a respeito doutras Centrais Sindicais que não pertencem ainda à F. S. I.

III—O comité é de opinião que uma das primeiras «démarches» práticas, devendo ser feitas, é a *convocação duma Conferência pelo conselho geral das Trade-unions inglêsas*, tal como tinha sido previsto o ponto III b, da declaração feita pela delegação dos sindicatos britânicos à Conferência sindical anglo-russa realizada em Londres a 8 de abril de 1925, o que foi igualmente aceite pela delegação sindical russa e ulteriormente ratificada pelas mais altas instâncias autorizadas dos movimentos sindicais dos dois países.

IV—O comité lamenta os ataques contínuos e não provocados contra o movimento sindical russo e as alterações grosseiras que a propósito da obra do comité anglo-russo foram feitas da política e do fim das duas Centrais Sindicais, relativamente ao apoio dado por elas à unidade sindical internacional, e decide tomar medidas para responder a tais interpretações desfavoráveis e a tais tentativas de destruïção.

V—O comité crê, no entanto, que as representações dos movimentos sindicais dos dois países devem perseverar na sua atitude com tôda a tranqüilidade e dignidade, a-pesar-de todos os ataques irresponsáveis dirigidos contra elas, e os movimentos sindicais que representam. Devem prosseguir a obra que começaram para realizar a unidade do movimento sindical do mundo inteiro».

* * *

E enquanto se lamenta com pieguice a atitude dos amarelos da extrema direita da Internacional de Amsterdão, enxovalha-se e insulta-se os revolucionários aderentes à Internacional de Berlim!!!

A crise mineira da Bélgica

Tal como sucede na Inglaterra, a indústria de carvão na Bélgica está atravessando uma crise angustiosa, existindo já de há meses a ameaça duma greve geral, que abrangerá 160.000 mineiros, os quais com as suas famílias formam uma população de mais de 60.000 pessoas.

Diz-se que o govêrno belga, para evitar este conflito, vai fazer importantes reduções nas tarifas de transportes do carvão, de forma a compensar os proprietários das minas, e a impedir que eles ponham em prática as reduções de salários, que pretendem fazer.

Isto seria, sob uma forma disfarçada, a política de subsídio praticada na Inglaterra, Holanda, Espanha e em certas bacias da Alemanha, como na Baixa-Sílésia.

* * *

Os salários dos mineiros belgas são regulados, desde 1920, por uma convenção colectiva, baseada nas flutuações do índice do custo da vida.

Os patrões afirmam já de há tempos que não podem manter essa convenção, procurando anulá-la.

Não o têm feito graças à acção da comissão nacional mista das minas e à intervenção do govêrno, que receia um conflito tão grave como este.

Os mineiros desejam salvar o princípio duma convenção colectiva; para que os salários não sejam determinados, como antes da guerra, pelo arbítrio dos patrões.

Estes dizem que sendo necessário admitiriam a existência da convenção, no caso em que fôsse baseada não só nas flutuações do custo da vida, mas também do preço de certas categorias de carvão e no estado do mercado.

Isto implicaria novas reduções de salários para os operários que já têm sofrido muitas e importantes durante o último ano e meio.

O salário médio dos mineiros é actualmente de 25 francos por dia, enquanto em 1924 era de 33 francos. Os operários que trabalham à superfície ganham de 16 a 18 francos por dia. Estes salários são baixos em relação ao custo da vida.

E' interessante notar que o operariado das minas da Bélgica tem-se sempre preocupado nos períodos de forte procura com o interêsse da colectividade e não sòmente com o interêsse corporativo, não tendo aceite fazer o jôgo de certos patrões e intermediários que queriam elevar exageradamente o preço do carvão.

Havia recentemente na Bélgica 174.000 mineiros, mas agora só trabalham 154.000.

Só na bacia de Borinage o «stock» eleva-se a mais de 500.000 toneladas, estando muitas minas fechadas nesta bacia.

Noutras só se trabalha quatro ou cinco dias por semana. A mão-de-obrà estrangeira foi em grande parte licenceada.

A crise carbonífera é mundial, provocada pelas perturbações do post-guerra, sendo a França o país que, debaixo dêste ponto de vista, está em melhor situação.

A greve de Lourenço Marques

Um gesto simpático

Em Monsanto, da Agência «Reuter» foi recebido o seguinte radiograma:

CAP-TOWN, 4.—Durante a Conferência anual do Partido Trabalhista Sul-africano, foi votada uma resolução exprimindo a sua simpatia pelos grevistas ferroviários de Lourenço Marques e dizendo que o Partido Trabalhista espera que os trabalhadores sul-africanos se recusem a tocar nos combóios, cujo serviço, nas linhas portuguesas, seja feito por operários não sindicados e pedindo ao govêrno Sul-Africano que não permita a entrada de combóios e vagões no seu território durante a greve.

A Sociedade das Malhas de Coimbra

devido à incompetência dos seus dirigentes sossobrou lançando o pessoal na miséria

COIMBRA, 3.—Já por várias vezes, neste jornal, nos temos referido a factos diversos sucedidos na Sociedade das Malhas de Coimbra, demonstrando como, por incapacidade técnica e administrativa dos seus dirigentes, esta empresa teria, mais tarde ou mais cedo, de sossobrar, com manifesto prejuizo da maior parte dos seus associados que, por não representarem a maioria do capital social, estão impossibilitados de intervir eficazmente na sua administração, como também,—o que é ainda mais grave, —em prejuizo de algumas dezenas de operários e operárias que acabam de ser lançados na miséria.

Esta fábrica, que de há alguns anos vem atravessando uma vida deveras periclitante, e que se agravou extraordináriamente de há oito meses para cá com os disparates da nova gerência, acaba de encerrar as suas portas, despedindo todo o pessoal, e convocando a assemblea geral para o dia 10 do corrente a-fim-de esta resolver, em definitivo, sôbre se há-de liquidar ou autorizar um novo aumento de capital.

Está assim a maioria dos sócios entre a espada e a parede: Ou liquidam tendo de vender as suas cotas por baixo preço a qualquer indivíduo ou grupo capitalista que da «Sociedade» queira tomar conta ou aumentam o seu capital na «Sociedade», solução igualmente perigosa pois os seus gerentes não oferecem as garantias indispensáveis que permitam supor um regular e progressivo funcionamento para o futuro.

Como foi dito nos artigos publicados neste jornal em Abril p. p., a gerência anterior, com o evidente intuito de criar dificuldades aos seus sucessores, afastou do serviço os melhores técnicos que havia na fábrica. Era de esperar que a nova gerência, inteligentemente, anulasse os despedimentos feitos. Tal não sucedeu, e, por espírito de economia, supondo, talvez, que arranjaria técnicos mais baratos, com a mesma facilidade com que se arrajam... gerentes, publicou anuncios nos jornais pedindo afinadores.

Como não lhe aparecesse nenhum artista português... que lhe servisse admitiu dois estrangeiros — dêstes que dificilmente arranjam vida nas suas terras — dois espanhois—um deles barbeiro de profissão, — a quem confiou o maquinismo.

Os resultados não se fizeram esperar. A produção diminuiu extraordináriamente e o maquinismo desafinou-se quási por completo.

Em *compensação* aumentou a percentagem de desperdicios, cêrca de 2.000 quilos, que há poucos dias foram vendidos para a Covilhã!

Quanto à perfeição do fabrico, é melhor nem falar nisso!...

A gerência anterior, a do sr. Abílio Reis, foi—e muito justamente—acusada de incompetente. Mas manda a verdade que se diga: a gerência actual é cem vezes pior.

Se durante a gerência anterior se praticaram certas imoralidades, como referimos em Abril, embora delas o sr. Reis apenas tivesse a responsabilidade moral, na gerência actual a imoralidade chegou ao auge como os nossos leitores podem verificar na correspondência publicada em *A Batalha* em 16 de Outubro p. p. que, largamente, se refere aos actos donjuanescos do sr. capitão Soto-Maior, um dos gerentes.

Quanto ao outro gerente, o sr. João Mendes, deve ser, talvez, o único sócio da «sociedade» que não pode queixar-se de ter perdido...

Este senhor é tambem armazenista, em Coimbra, sendo como tal um dos mais assíduos clientes da sociedade.

Um exemplo: Há meses fabricou-se uma porção de malha de seda para vestidos. A essa malha, como fôsse um pouco defeituosa, fez-se o preço de 8$00 cada metro, o que dava à «sociedade» um prejuizo de cêrca de 100 por cento. Pois êsse artigo foi adquirido pelo sr. João Mendes que o vendeu no seu armazem a 20$00 cada metro, tendo, por tanto um lucro de 150 por cento. Querem mais?

De resto, não foi certamente por amor aos interesses dos seus associados, e muito menos pelos seus lindos olhos, que o sr. João Mendes se afastou da gerência do seu armazem para tomar conta da gerência da «sociedade das malhas» contra o disposto nos §§ 3.º e 4.º do artigo 173.º do Código Comercial, que dizem:

«§ 3.º E' expresssamente proïbido aos directores destas sociedades negociar por conta própria directa ou indirectamente com a sociedade cuja gerência lhe esteja confiada».

«§ 4.º «Os directores de sociedades anónimas não poderão exercer comércio ou indústria iguais ao da sociedade que dirigem salvo autorização especial da respectiva assemblea geral».

¿Não achará o sr. João Mendes que a sua situação na «sociedade» é, senão ilegal pelo menos imoral?

¿Julgar-se há o dito senhor com a capacidade moral e administrativa para pedir aos seus associados aumento de capital?

¿Que garantias lhes dá?

Sem dúvida que na situação em que actualmente se encontra a «sociedade das malhas» o aumento de capital é indispensável, mas é indispensável também que à frente da mesma se coloquem criaturas de reconhecida honorabilidade e competência.

Infelizmente,—e é preciso que estas verdades se digam na imprensa operária — a principal vítima do descalabro da «sociedade das malhas», bem como de outras empresas (e muitas ha!) em iguais circunstâncias, a principal vítima diziamos é, por vezes, a maior culpada Queremos referir-nos ao pessoal operário. Este, rara vezes tem uma noção exacta dos seus direitos e deveres e quando a tem só procura fazer valer os primeiros esquecendo por completo os segundos.

Ora o pessoal da «sociedade das malhas» tem grandes responsabilidades na situação em que presentemente se encontra.

Enquanto houve dinheiro para férias nunca se importou que houvesse ou não produção e que esta fôsse ou não perfeita. Nunca se importou que à frente das secções estivessem criaturas incompetentes. Nunca se importou com os desmandos das gerências, sugeitando-se aos horários que lhes quiseram impor; às baixas de salário e a outros vexames.

¿Onde estão os seus protestos?

¿Onde se produziram quaisquer manifestações individuais ou colectivas?

Quando saiu o gerente sr. Reis ofereceram-lhe um tinteiro! ¿Que oferecerão agora à gerência que os presenteou com a fome?! — C.

FESTAS ASSOCIATIVAS

No Sindicato da Construção Civil de Tires e Arredores

Realizou-se no Sindicato da Construção Civil de Tires e Arredores uma sessão solene, comemorativa do seu 12.º aniversário, que foi presidida por Avelino Teodoro, secretariado por Joaquim Emiliano e Duarte Tomé. Usaram da palavra Artur Moreira Sabido, José Paulino e Pedro Duruana, do Sindicato de Tires; Artur da Costa Pereira, da Construção Civil de Cascais, e João Miranda, da Federação da Construção Civil, que pronunciaram interessantes discursos defendendo largamente o sindicalismo revolucionário e escalpelisando as iniqüidades, as mentiras e os preconceitos da sociedade burguesa.

Foi aprovada, por aclamação, uma moção de protesto contra as deportações sem julgamento e contra as prolongadas prisões sem culpa formada.

A sessão foi encerrada por entre vivas à organização operária e à *A Batalha*.

Na Juventude Sindicalista de Faro

FARO, 4.—Para comemorar o 1.º aniversário do Núcleo de Juventude Sindicalista desta cidade e promovida pelo mesmo realizou-se uma sessão solene que esteve regularmente concorrida.

Presidiu Manuel N. Silva, secretariado por José Aleixo e José Campos. Falou em primeiro lugar o secretário geral do Núcleo que expôs largamente os esforços que a comissão administrativa tem realizado no sentido de robustecer aquele organismo juvenil.

João Humberto Matias exalça calorosamente a missão que as Juventudes Sindicalistas devem realizar educando revolucionàriamente a mocidade operária. Historia largamente as perseguições que têm sido movidas às Juventudes Sindicalistas e o ambiente que a imprensa mercantil tem criado á sua volta, ambiente propício às piores violências. Critica largamente a falta de escolas nesta cidade, aponta o analfabetismo existente entre as classes trabalhadoras e declara confiar que a Juventude Sindicalista venha a exercer nesta cidade uma acção benéfica e salutar.

O presidente, ao encerrar a sessão, aconselha todos os presentes a lêr o jornal *A Batalha*, único que defende com sinceridade e desassombro os interêsses das classes trabalhadoras.

CONFERÊNCIAS

"Soluções práticas do problema de educação popular em Portugal"

O dr. sr. António Sérgio realizou a sua anunciada conferência com este tema na Associação de classe de empregados de escritório. Criticando o actual sistema de ensino nas escolas primárias oficiais, o conferente expoz brilhantemente qual a orientação que em seu entender deve ter a escola moderna e mostrou como ela deve funcionar.

O dr. sr. António Sérgio explicou, depois, a directriz que vai imprimir às escolas que por iniciativa da Liga Propulsora de Instrução em Portugal, vão ser fundadas e de que é presidente o director pedagógico.

No final da bela sua conferência o dr. sr. António Sérgio foi muito aplaudido.

Universidade Popular Portuguesa

Por motivo de doença, o dr. sr. Ramada Curto não pôde realizar ontem nesta colectividade a sua anunciada conferência sôbre Socialismo.

INSTRUÇÃO

Universidade Livre do Pôrto

Reüniu a assemblea geral dêste organismo de educação popular, presidindo Tibério Teixeira, secretariado por J. Gonçalves Pereira e Maduel Cândido Machado.

Vieira Alves, em nome da comissão organizadora, apresenta o seu relatório moral e material, que é aprovado por unanimidade. A requerimento do mesmo é nomeada uma comissão revisora de contas, que ficou composta por Tibério Teixeira, José Baptista Rodrigues Frias e João Lázaro.

Em seguida são nomeados os corpos gerentes para êste ano, que ficaram assim constituídos:

Assemblea geral—Presidente, dr. Joaquim Pereira Osório; 1.º secretário, prof. José Wilf; 2.º secretário, prof. António Joaquim Soares. Comissão administrativa: secretário geral, Marcelino Pedro; adjunto, Júlio Gonçalves Pereira; tesoureiro, Mário Azevedo; arquivista, J. Vieira Alves; administrativo, Tibério Teixeira; escolar, Eurico Jorge, e bibliotecário, A. Costa Coelho.

Em virtude do adiantado da hora foi resolvido apreciar noutra assemblea o projecto definitivo dos estatutos.

A posse dos novos corpos gerentes efectua-se ainda esta semana, na sede da Renascença Portuguesa.

A comissão revisora de contas apresentará dentro em poucos dias as suas conclusões à assemblea geral.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Federação Corticeira—Podem vir buscar expediente àmanhã.

Federações

MOBILIARIA

Cesteiros de Gonçalo—E' conveniente informarem do que se passa.

Sindicato do Pôrto—Segue expediente e ofício.

VINÍCOLA

Tanceiros de Gaiá.—Recebemos ofício, enviem igual exposição à C. G. T. Por estes dias segue expediente.

Agrava-se a situação económica na Inglaterra

Durante o ano que findou, a crise de trabalho e a questão dos salários na Inglaterra agravaram-se inquietadoramente. Segundo as estatísticas oficiais, em janeiro era de 1.287.000 o número de operários sem trabalho. Esse número veiu elevando-se constantemente nos meses seguintes, até que, em outubro, havia inscritos 1.295.000 desocupados. Em novembro, a crise de trabalho teve um imperceptivel declínio, reduzindo-se então a 1.227.000 o número de operários desempregados.

Contudo, verifica-se que, em relação a 1924, a crise agravou-se sensivelmente: em outubro e novembro deste ano havia, respectivamente, 1.247.000 e 1.233.000 operários em forçada inactividade.

Igualmente, as estatísticas acusam um gravame na questão dos salários. Tem-se produzido incessantemente a baixa de salários, a-pesar-da resistência combativa dos trabalhadores, que, ainda assim, conseguem embaraçá-la. O desequilíbrio, porém, tem-se feito em detrimento do proletariado, pois as baixas são mais do que os aumentos obtidos. Por exemplo, enquanto que 850.000 operários conseguiram um aumento de salário computado em 79.000 libras, outros 853.000 operários sofreram uma baixa que atinge 157.000 libras. Comparando as estatísticas do ano anterior, nota-se um assustador agravamento, pois em 1924 houve aumentos de salário que atingiram a soma de 580.000 libras distribuida por 2.850.000 trabalhadores, ao passo que as baixas de salário não ultrapassaram 64.000 libras divididas por cerca de 600.000 operários.

Outro aspecto trágico da situação económica do operariado inglês é o custo geral da vida. Em Janeiro de 1925, a média orçava por 77,80 por cento sôbre Julho de 1914; esta média, a-pesar das oscilações verificadas durante o ano, achava-se elevada, em Dezembro a 81,77 por cento, o que significa, lògicamente, que, a par da crise de trabalho e da baixa de salários, se agrava bastante a carestia da vida.

As estatísticas acusam outras particularidades interessantes. Dizem elas que, de 482 altos fornos existentes, apenas 136 estão funcionando actualmente e que nas minas de ferro o número de operários sem trabalho tem vindo a sofrer ligeiras diminuïções. Há também ligeiras tendencias de melhoria nas indústrias do carvão, aço, ferro e têxtil.

De um modo geral, a crise económica agrava-se sem interrupção, atingindo todas as indústrias e lançando a tristeza e a desolação em inúmeros lares.

O Grande Festival no Coliseu

E' àmanhã que se realiza o sarau a favor das viúvas e órfãos de bombeiros

Vai ser àmanhã satisfeita a anciedade do público para assistir no Coliseu dos Recreios ao grandioso sarau de beneficência, a que nos temos referido, cujo produto se destina a distribuir pelas viuvas e órfãos de bombeiros municipais, êsses obscuros heroes a quem está confiada a guarda das vidas e haveres dos habitantes da capital, contra incendios e outras calamidades.

A extraordinária procura de bilhetes para a festa e os valiosos donativos que a comissão tem recebido para aumentar a importância a distribuir são a demonstração insofismável do interêsse que o público tem pela festa e do nobre espírito altruísta de que é dotado o nosso povo, sempre pronto a secundar as iniciativas como esta, que tem por intuito facultar um pouco de confôrto a pobres mulheres e crianças, cujos maridos e pais se dedicaram à nobilíssima missão de defender o seu semelhante dos maiores perigos, arriscando e, quantas vezes, dando a própria vida, no cumprimento do seu dever sagrado.

O programa da extraordinária festa é do teor seguinte:

1.ª Parte—Ouverture; Concerto pela Banda do Corpo de Bombeiros Municipais de Lisboa; Pesos e alteres pelo ateta Virgílio Fernandes; Assalto à espada pelos atiradores Montou Osório e Dr. Américo Durão; Cavalo em alta escola apresentado pelo professor de equitação António Correia; «Momento musical» de Schubert (no palco) pelo 2.º Grupo da classe de dança artística do Lisboa Gimnásio Clube.

2.ª parte—«Ouverture»; patinagem pelo professor Germano de Magalhães e sua discípula Clara Bermudes, do L. G. C.; intermédio cómico pelos estimados «clowns» portugueses Atalaias; imitação do acóbrata Otto Viola pelo aplaudido amador Manuel Ferreira; gimnástica rítmica (no palco) com massas indianas pelo 1.º grupo de dansa artística do L. G. C.

3.ª parte—«Ouverture»; jôgo da rosa a cavalo pelos amadores D. António de Noronha (Paraty), D. Daniel de Noronha (Paraty) e Emilio Mota; argolas pelos amadores Manuel Vassalo de Araujo e David António Lopes; esgrima de pau pelo professor António Lapa e o seu discípulo Joaquim Ramalhete, do L. G. C.; Colombino, trabalho de ventriloquia; fados à guitarra por Zulmira Miranda acompanhada por 50 guitarristas.

4.ª parte—«Ouverture»; subida de cabo por dois bombeiros municipais; manobras com escadas italianas pelos bombeiros municipais; grandioso e artístico acto de variedades em que tomam gentilmente parte muitos artistas, terminando pelo concertante final do 2.º acto da opereta «Os Gaviões» cantado por toda a companhia do teatro de S. Luís, gentilmente cedido pela respectiva empresa, sob a direcção do actor Augusto Soares e regência do maestro Rada.

Os impagáveis «Martinettis» tomam gentilmente parte neste sarau. Dirige o espectaculo por especial deferência o distinto «regisseur» François França, e a orquestra durante o acto de variedades os ilustres maestros Alves Coelho e Wenceslau Pinto.

Por especial deferência e dado o fim desta festa, a Companhia Carris de Ferro põe no final do espectaculo carros para todos os pontos da cidade partindo do Rossio e Restauradores.

Almanaque de «A Batalha»

192 páginas com muitas gravuras, preço 5$00.

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Conselho Geral

Para assuntos da máxima importância reúne àmanhã, pelas 20 horas, sendo necessária a comparência de todos os delegados.

COMUNICAÇÕES

Manipuladores de Pão—Em reünião da comissão administrativa foi apreciada uma notícia inserta no *Diário de Notícias* que foi considerada menos verdadeira, pois os novos corpos gerentes ainda não foram eleitos.

Foi resolvido convidar a comissão administrativa das chacineiras a ir à C. G. T. levantar a quantia de 50$00 com que êste sindicato resolveu auxiliá-las. Igual convite é feito à Federação Corticeira para levantar igual quantia.

Trabalhadores do Tráfego do Pôrto de Lisboa—Reüniu esta classe, em assemblea geral, para apreciar as alterações feitas pela direcção a alguns artigos do Regulamento de Ternos e de Escala. Depois de alguns camaradas se terem referido à necessidade de se tornar mais explícito o Regulamento, foi êste aprovado com os artigos alterados.

Em seguida foi lida uma circular do conselho inter-sindical dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais do Centro e Sul para a representação dêste organismo no conselho geral, sendo nomeados para tal fim os camaradas João Gomes e Cândido de Azevedo.

A assemblea resolveu que do cofre associativo fôsse retirada a quantia de 100$00 para custear as despesas a fazer com a realização do II Congresso das Juventudes Sindicalistas.

Por último foi apreciada uma local publicada na *Batalha* sôbre uma «Nota oficiosa» da Associação dos Trabalhadores do Tráfego do Pôrto de Lisboa, sendo pela assemblea louvada a atitude assumida pela direcção.

S. U. da Construção Civil. — *Secção dos Canteiros e Polidores de Mármore.* — Reüniu a assemblea geral, tendo apreciado vario expediente e uma circular das juventudes sindicalistas em que estas pediam auxílio para a realização do seu II congresso, sendo resolvido conceder-lhes 25$00. Em seguida foram nomeados para gerir a secção durante o ano de 1926 os seguintes camaradas: Para a comissão administrativa: 1.º secretário, Joaquim Martins; 2.º secretário, João Francisco; tesoureiro, Daniel Francisco; vogais, Amadeu da Silva Santos, Alvaro Francisco; Conselho de Secções: Carlos Maria Coelho e Carlos Ribeiro; Comissão escolar: Miguel Maria e Joaquim Carvalhais; Consêlho técnico: Joaquim Cachopo, Luís Patrício e João Francisco Grilo; Comité da sede: Alfredo Lopes e Manuel Reis; Assemblea geral: 1.º secretário, Joaquim Carvalhais; 2.º secretário, João Coelho. Esta lista foi aprovada por unanimidade. Depois da ordem dos trabalhos foi apreciada a crise que a indústria da construção civil atravessa e debatidos vários alvitres no intuito de o debelar, sendo a assemblea unânime em reconhecer que muito contribuirá para um bom estudo à solução da crise, a sindicalização de todos os interessados, numa fôrça que se imponha ao capitalismo e poderes constituídos. Por fim tratou-se da Conferência dos canteiros, reconhecendo a assemblea tôda a conveniência na sua realização e lamentando o aparente desinteresse da comissão incumbida dêsse trabalho.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

S. U. da Construção Civil.—*Conselho Técnico.*— Pelas 20 horas reúne a comissão administrativa.

Secção do Alto do Pina.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa nomeada na última assemblea geral e os delegados aos conselhos técnico e de secções.

Secção Profissional dos Pedreiros.— Pelas 21 horas a assemblea geral para eleição dos corpos gerentes, comissão revisora de contas e outros assuntos.

Secção Profissional dos Pintores.—Pelas 21 horas a assemblea geral para eleição dos corpos gerentes para 1926 e nomeação da comissão revisora de contas.

Secção Sindical da Charneca.—Pelas 21 horas a assemblea geral para eleição da comissão administrativa e apreciar o parecer da comissão revisora de contas de 1925.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina.— Pelas 20 horas com a comissão organizadora dos manufactores de calçado do Pina.

Empregados Menores do Comércio e Indústria.—A assemblea geral, pelas 21 horas, para discussão e votação do projecto de reforma do estatuto.

S. U. Mobiliário.—A comissão pró aniversário do Sindicato, às 21 horas.

S. U. Metalúrgico.—*Secção do Poço do Bispo.*— Pelas 20,30 horas, a assemblea geral para a eleição dos corpos administrativos para o ano de 1926. Não havendo número para reünir à hora marcada, reúne em segunda convoção uma hora depois.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação da Construção Civil.—Por motivo de fôrça maior, fica adiada para àmanhã a reünião que estava convocada para hoje do Conselho Federal e conjuntamente todos os delegados da Bôlsa de Trabalho e de Solidariedade.

S. U. da Construção Civil.—*Secção dos Estucadores.*—Em assemblea geral na próxima sexta-feira, pelas 20 horas, para eleição dos corpos gerentes para 1926.

Federação Metalúrgica.—Reúne àmanhã, às 20,30 horas, o Conselho Federal com a seguinte ordem dos trabalhos: Apreciação do relatório do delegado ao norte e dos ofícios da Federação Metalúrgica de Berlim e preenchimento de cargos vagos. Torna-se necessária a presença de todos os delegados.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Construção Civil de Tires e arredores.—Reüniu a assemblea que aprovou por unanimidade o relatório de contas da caixa de auxílio na doença referente a 1925, o qual acusa uma receita de 3.090$00 e uma despesa de 814$50 e um saldo de 2.275$50. Em seguida foi reeleita por unanimidade a antiga comissão administrativa sendo nomeados dois secretários adjuntos, ficando assim composta: Presidente, Fernando Moreira Sabido; secretário geral, Pedro Durnana; tesoureiro, Filipe Borges; secretários adjuntos, Joaquim Emiliano e Manuel Rato. Para a direcção do sindicato foram nomeados: Joaquim dos Santos Fartura, presidente; secretário, José da Silva; tesoureiro, Carlos Luís Sabido. Assemblea geral: José Francisco Bexiga, 1.º secretário; José Teodoro, 2.º secretário. Foi nomeado cobrador Faustino António Luís. Antes de ser encerrada a sessão o delegado da Federação e Bolsa de Trabalho, José Casquilho, pediu a sua demissão daqueles cargos por se achar melindrado com algumas referências feitas pelo sócio Modesto dos Santos. A assemblea não aceita o pedido de demissão e ractifica-lhe a sua confiança, considerando injuriosas e sem valor as acusações de Modesto dos Santos, criatura sobejamente conhecida pelos seus processos.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — O comité federal reúne hoje pelas 21 para assuntos inadiáveis.

Núcleo do Pôrto.—*Secção dos Manipuladores de Pão*—Reüniram com grande entusiasmo no dia 3, em assemblea geral os filiados desta secção, para nomeação dos corpos gerentes para gerir os destinos da mesma no corrente ano, e de que resultou a seguinte nomeação: Manuel José de Moura, secretário geral; Vitorino Pereira, administrativo; Domingos Ribeiro, tesoureiro; Adelino Vilaça, arquivista; delegado à Comissão de Propaganda, Gaspar da Cunha; delegado indirecto ao Núcleo, Abilio Augusto Belchior. Resolveu ainda medidas tendentes ao robustecimento desta secção.

SOLIDARIEDADE

Pró-Faustino Brétes

A comissão de auxilio a êste camarada vem por esta forma solicitar a todos os organismos e camaradas a quem foram enviadas circulares impetrando solidariedade, se dignem responder às mesmas o mais breve possivel, a-fim-de que não falte a êste prestimoso pioneiro o rigoroso tratamento prescrito pelos médicos.

Esta comissão tem recebido até à data as seguintes quantias: Manuel Ferreira da Silva, (Lisboa) 10$00; Federação Anarquista do Sul de Portugal, 6$00; Francisco A. Cortes, (Aljustrel) 5$00; Federação da Construção Civil, 25$00; João Miranda, (Lisboa) 5$00, Manuel S. Serôdio, (Riachos) 20$00; Francisco P. Turrado, Pedro Alexandre, Luís J. Pereira e Joaquim S. Feijão, (Cabeção) 11$50; duma subscrição aberta por Manuel S. Sardinha, (Ponte de Sôr) 47$50; Federação Mobiliaria, (Lisboa) 35$00; G. C. M. e João Matias Graça, (Mina de São Domingos) 10$00; da subscrição em a *A Comuna*, 23$00; José G. da Costa, (Castelo Branco) 0$00. A transportar, 228$00.

A Comissão: *Joaquim Vicente Pedroso, Adolfo José Alves, José dos Santos Ferreira.*—Torres Novas.

Para as vítimas da catástrofe de Espinho

PENICHE, 3.—Promovido por grupo de marítimos e com o concurso da filarmónica penichense realizou-se, no dia 27 do mês findo, um bando precatório para as vítimas do ciclone que assolou a famos. praia de Espinho o qual rendeu a quantia de 3.001$70.—C.

Pelo camarada Jorge Mateus foi entregue, à comissão administrativa da Secção dos Operários da Construção Civil de Belém, a quantia de 69$00, proveniente duma quete em pról do camarada António Mendes Alçada, aberta nas obras do Novo Manicómio.

Comunica-nos José Rodrigues, operário carpinteiro que se encontra internado no hospital de São José, enfermaria do mesmo nome, cama 12, ter recebido a quantia de 155$00, produto duma subscrição aberta por um grupo de camaradas e amigos, a quem se confessa reconhecido.

OS OPERARIOS CORTICEIROS

vítimas duma torpe exploração

VILA NOVA DE GAIA, 5.—Já por diversas vezes temos tratado êste assunto e escalpelizado a maneira como os operários corticeiros são vítimas da exploração dos senhores industriais, que não possuem a menor consideração por aqueles que trabalham.

E' tão grande a exploração exercida que não é com esta lacónica correspondência que se põe a nú tôdas as manigâncias dos indústriais. No entanto, vamos por hoje trazer a público o que excede de velhacaria.

Trata-se de um industrial que sendo sócio da A. I. P., secção de cortiças, devia manter as resoluções daquela entidade quando do aumento de salário conferido aos respectivos operários.

Mas o sr. João Calheiros, assim se chama o industrial, nunca satisfez aos seus operários os aumentos concedidos péla A. I. P. e agora apressou-se a baixar os salários dos seus operários.

O sr. Calheiros há cêrca duns três meses encerrou a sua fábrica, que sem dúvida era uma das mais importantes no Norte, lançando para a miséria centenas de operários corticeiros a pretexto da crise de trabalho.

Depressa descobrimos que aquela atitude do sr. Calheiros era nem mais nem menos do que um «truc» jesuítico: Fez a declaração que reabriria a fábrica com novos operários e então os salários seriam como êle entendesse.

E de facto reabriu a fábrica com novos operários pagando a êstes uma autentica e revoltante miséria, o suficiente para morrer de fome!

Devido à sua situação os operários aceitaram trabalhos àlém do horário sem a menor percentagem.

A culpa é somente sua. Se estivessem convenientemente organizados já os industriais não os forçariam aceitar uma situação deprimente.

E' necessario que os operários corticeiros cumpram o seu dever para terem jus ao seu trabalho.—C.